

## Poemas Malditos, Álvares de Azevedo

### Fonte:

AZEVEDO, Álvares de. Poemas malditos. 3.ed. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1988.

### Texto proveniente de:

Biblioteca Virtual do Estudante de Língua Portuguesa <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>

A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <[bibvirt@futuro.usp.br](mailto:bibvirt@futuro.usp.br)>.

*Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quiser ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <[parceiros@futuro.usp.br](mailto:parceiros@futuro.usp.br)> ou <[voluntario@futuro.usp.br](mailto:voluntario@futuro.usp.br)>.*

## POEMAS MALDITOS Álvares de Azevedo

*Todo o vaporoso da visão abstrata não interessa tanto como a realidade da bela mulher a quem amamos. Cuidado, leitor, ao voltar esta página!*

Álvares de Azevedo

### Prefácio

Cuidado leitor, ao voltar esta página!

Aqui dissipa-se o mundo visionário e platônico. Vamos entrar num mundo novo, terra fantástica, verdadeira ilha Baratária de D. Quixote, onde Sancho é rei, e vivem Panúrgio, sir John Falstaff, Bardolph, Fígaro e o Sganarello de D. João Tenório I—a pátria dos sonhos de Cervantes e Shakespeare.

Quase que depois de Ariel esbarramos em Caliban.

A razão é simples. É que a unidade deste livro funda-se numa binomia. Duas almas que moram nas cavernas de um cérebro pouco mais ou menos de poeta escreveram este livro, verdadeira medalha de duas faces.

Demais, perdoem-me os poetas do tempo, isto aqui é um tema, senão mais novo, menos esgotado que o sentimentalismo tão fashionable desde Werther e René

Por um espírito de contradição, quando os homens se vêem inundados de páginas amorosas, preferem Um conto de Boccaccio, uma caricatura de Rabelais, uma cena de Falstaff no Henrique IV de Shakespeare, um provérbio fantástico daquele polisson, Alfred de Musset, a todas as ternuras elegíacas dessa poesia de arremedo que anda na moda, e reduz as mordas de ouro sem liga dos grandes poetas ao troco de cobre, divisível até ao extremo, dos liliputianos poetastros.

Antes da Quaresma há o Carnaval.

Há uma crise nos séculos como nos homens. é quando a poesia cegou deslumbrada de fitar-se no misticismo, e caiu do céu sentindo exaustas as suas asas de ouro.

O poeta acorda na terra. Demais, o poeta é homem. Homo sum, como dizia o célebre Romano. Vê, ouve, sente e, o que é mais, sonha de noite as belas visões palpáveis de acordado Tem nervos, tem fibra e tem artérias—isto é, antes e depois de ser um ente idealista, é um ente que tem corpo. E, digam o que quiserem, sem esses elementos, que sou o primeiro a reconhecer muito prosaicos, não há poesia.

O que acontece? Na exaustão causada pelo sentimentalismo, a alma ainda trêmula e ressoante da febre do sangue, a alma que ama e canta porque sua vida f' amor e canto, o que pode senão fazer o poema dos amores da vida real? Poema talvez novo, mas que encerra em si muita verdade e muita natureza, e que sem

ser obsceno pode ser erótico sem ser monótono. Digam e creiam o que quiserem. Todo o vaporoso da visão abstrata não interessa tanto como a realidade formosa da bela mulher a quem amamos.

O poema então começa pelos últimos crepúsculos do misticismo, brilhando sobre a vida como a tarde sobre a terra. A poesia puríssima banha com seu reflexo ideal beleza sensível e nua.

Depois a doença da vida, que não dá ao mundo objetivo cores tão azuladas como o nome britânico de blue devils, descarna e injeta de fel cada vez mais o coração. Nos mesmos lábios onde suspirava a monodia amorosa, vem a sátira que morde.

É assim. Depois dos poemas éticos, Homero escreveu o poema irônico. Goethe depois de Werther criou o Faust. Depois de Parisina e o Giaour de Byron vem o Cain e Don Juan—Don Juan que começa como Cain pelo amor, e acaba como ele pela descrença venenosa e sarcástica.

Agora basta.

Ficarás tão adiantado agora, meu leitor, como se não leses essas páginas, destinadas a não ser lidas. Deus me perdoe! assim é tudo! até os prefácios!

### Um cadáver de poeta

*Levem ao túmulo aquele que parece um cadáver! Tu não pesaste sobre a ferra: a terra te seja leve!*

L. Uhland

#### I

De tanta inspiração e tanta vida  
Que os nervos convulsivos inflamava  
E ardia sem conforto. . .  
O que resta? uma sombra esvaecida,  
Um triste que sem mãe agonizava . . .  
Resta um poeta morto!  
Morrer! e resvalar na sepultura.  
Frias na fronte as ilusões—no peito  
Quebrado o coração!  
Nem saudades levar da vida impura  
Onde arquejou de fome . . . sem um leito!  
Em treva e solidão!  
Tu foste como o sol; tu parecias  
Ter na aurora da vida a eternidade  
Na larga fronte escrita. . .  
Porém não voltarás como surgias!  
Apagou-se teu sol da mocidade  
Numa treva maldita!

Tua estrela mentiu. E do fadário  
De tua vida a página primeira  
Na tumba se rasgou...  
Pobre gênio de Deus, nem um sudário!  
Nem túmulo nem cruz! como a caveira  
Que um lobo devorou! . . .

#### II

Morreu um trovador—morreu de fome.  
Acharam-no deitado no caminho:  
Tão doce era o semblante! Sobre os lábios

Flutuava-lhe um riso esperançoso.  
E o morto parecia adormecido.  
Ninguém ao peito recostou-lhe a fronte  
Nas horas da agonia! Nem um beijo  
Em boca de mulher! nem mão amiga  
Fechou ao trovador os tristes olhos!  
Ninguém chorou por ele... No seu peito  
Não havia colar nem bolsa d'oiro;  
Tinha até seu punhal um férreo punho...  
Pobretão! não valia a sepultura!  
Todos o viam e passavam todos.  
Contudo era bem morto desde a aurora.  
Ninguém lançou-lhe junto ao corpo imóvel  
Um ceitil para a cova! . . nem sudário!  
O mundo tem razão, sisudo pensa,  
E a turba tem um cérebro sublime!  
De que vale um poeta—um pobre louco  
Que leva os dias a sonhar—insano  
Amante de utopias e virtudes  
E, num tempo sem Deus, ainda crente?  
A poesia é de cerco uma loucura,  
Sêneca o disse, um homem de renome.  
É um defeito no cérebro.. Que doudos!  
É um grande favor, é muita esmola  
Dizer-lhes bravo! à inspiração divina,  
E, quando tremem de miséria e fome,  
Dar-lhes um leito no hospital dos loucos...  
Quando é gelada a fronte sonhadora,  
Por que há de o vivo que despreza rimas  
Cansar os braços arrastando um morto,  
Ou pagar os salários do coveiro?  
A bolsa esvazia por um misérrimo  
Quando a emprega melhor em lodo e vício!  
E que venham aí falar-me em Tasso!  
Culpar Afonso d'Este—um soberano!—  
Por que não lhe dar a mão da irmã fidalga!  
Um poeta é um poeta—apenas isso:  
Procure para amar as poetisas!

Se na Franca a princesa Margarida,  
De Francisco Primeiro irmã formosa,  
Ao poeta Alain Chartier adormecido  
Deu nos lábios um beijo, é que esta moça,  
Apesar de princesa, era uma douda,  
E a prova é que também rondós fazia.  
Se Riccio o trovador obteve amores  
—Novela até bastante duvidosa—  
Dessa Maria Stuart formosíssima,  
É que ela—sabe-o Deus!—fez tanta asneira,  
Que não admira que um poeta amasse!  
Por isso adoro o libertino Horácio.  
Namorou algum dia uma parenta  
Do patrono Mecenas? Parasita,  
Só pedia dinheiro—no triclinio  
Bebia vinho bom—e não vivia  
Fazendo versos às irmãs de Augusto.

E quem era Camões? Por ter perdido  
Um olho na batalha e ser valente,  
As esmolas valeu. Mas quanto ao resto,  
Por fazer umas trovas de vadio,  
Deveriam lhe dar, além de glória  
—E essa deram-lhe à farta—algun bispado,  
Alguma dessas gordas sinecuras  
Que se davam a idiotas fidalguias?  
Deixem-se de visões, queimem-se os versos.  
O mundo não avança por cantigas.  
Creiam do poviléu os trovadores  
Que um poeta não val meia princesa.  
Um poema contudo, bem escrito,  
Bem limado e bem cheio de tetéias,  
Nas horas do café lido fumando,  
Ou no campo, na sombra do arvoredo,  
Quando se quer dormir e não há sono,  
Tem o mesmo valor que a dormideira.  
Mas não passe dali do vate a mente.  
Tudo o mais são orgulhos, são loucuras!  
Faublas tem mais leitores do que Homero. . .  
Um poeta no mundo tem apenas  
O valor de um canário de gaiola. . .  
É prazer de um momento, é mero luxo.  
Contente-se em traçar nas folhas brancas  
De um Álbum da moda umas quadrinhas.  
Nem faça apelações para o futuro.  
O homem é sempre o homem. Tem juízo:  
Desde que o mundo é mundo assim cogita.  
Nem há negá-lo—não há doce lira

Nem sangue de poeta ou alma virgem  
Que valha o talismã que no oiro vibra!  
Nem músicas nem santas harmonias  
Igualam o condão, esse eletrismo,  
A ardente vibração do som metálico...  
Meu Deus! e assim fizeste a criatura?  
Amassaste no lodo o peito humano?  
Ó poetas, silencio! é este o homem?  
A feitura de Deus a imagem dele!  
O rei da criação! . . .  
Que verme infame!  
Não Deus, porém Satã no peito vácuo  
Uma corda prendeu-te—o egoísmo!  
Oh! miséria, meu Deus! e que miséria!

### III

Passou El-Rei ali com seus fidalgos.  
Iam a degolar uns insolentes  
Que ousaram murmurar da infâmia régia,  
Das nódoas de uma vida libertina!  
Iam em grande gala. O Rei cismava  
Na glória de espetar no pelourinho  
A cabeça de um pobre degolado.

Era um rei bon-vivant, e rei devoto;  
E, como Luís XI, ao lado tinha  
O bobo, o capelão e seu carrasco.  
O cavalo do Rei, sentindo o morto,  
—Trêmulo de terror parou nitrindo.  
Deu d'esporas leviano o cavaleiro  
E disse ao capelão:  
"E não enterram  
Esse homem que apodrece, e no caminho  
Assusta-me o corcel?"  
Depois voltou-se  
E disse ao camarista de semana:  
"Conheces o defunto? Era inda moço.  
Faria certamente um bom soldado.  
A figura é esbelta! Forte pena!  
Podia bem servir para um laçao."  
Descoberto, o faceiro fidalgo  
Responde-lhe fazendo a cortesia:  
"Pelos tripas do Papa! eu não me engano,  
Leve-me Satanás se este defunto  
Ontem não era o trovador Tancredo!"  
"Tancredo"! murmurou erguendo os óculos  
Um anfíbio, um barbaças truanesco.  
Alma de Tribouler, que além de bobo

Era o vate da corte—bem nutrido,  
Farto de sangue, mas de veia pobre,  
Caídos beiços, volumoso abdômen,  
Grisalha cabeleira esparramada,  
Tremendo narigão, mas testa curta;  
Em suma um glosador de sobremesas.  
"Tancredo!—repetiu imaginando—  
Um asno! só cantava para o povo!  
Uma língua de fel, um insolente!  
Orgulho desmedido. . . e quanto aos versos  
Morava como um sapo n'água doce. . .  
Não sabia fazer um trocadilho. . ."  
O rei passou—com ele a companhia.  
Só ficou ressupino e macilento  
Da estrada em meio o trovador defunto.

#### IV

Ia caindo o sol. Bem reclinado  
No vagaroso coche madornando,  
Depois de bem jantar fazendo a sesta,  
Roncava um nédio, um barrigudo frade:  
Bochechas e nariz, em cima uns óculos,  
Vermelho solidéu... enfim um bispo,  
E um bispo, senhor Deus! da idade média,  
Em que os bispos—como hoje e mais ainda—  
Sob o peso da cruz bem rubicundos,  
Dormindo bem, e a regalar bebendo,  
Sabiam engordar na sinecura;  
Papudos santarrões, depois

Missa Lançando ao povo a bênção—por dinheiro!  
O cocheiro ia bêbado por certo;  
Os cavalos tocou p'lo bom caminho  
Mesmo em cima das pernas do cadáver.  
Refugou a parelha, mas o sota  
—Que ao sol da glória episcopal enchia  
De orgulho e de insolência o couro inerte,  
Cuspindo o poviléu, como um fidalgo—  
Que em falta de miolo tinha vinho  
Na cabeça devassa, deu de esporas:  
Como passara sobre a vil carniça  
Reléu de corvos negros—foi por cima. . .  
Mas desgraça! maldito aquele morto!  
Desgraça!... não porque pisasse o coche  
Aqueles magros ossos, mas a roda  
Na humana resistência deu estalo. . .  
E acorda o fradalhão...  
"O que se sucede?  
—Pergunta bocejando: É algum bêbado?  
Em que bicho pisaram?"  
"Senhor bispo"

Diz o servo da Igreja, o bom cocheiro  
Ao vigário de Cristo, ao santo Apóstolo  
Isto é—dessa fidalga raça nova  
Que não anda de pé como S. Pedro,  
Nem estafa os corcéis de S. Francisco:  
"Perdoe Vossa Excelência Eminentíssima;  
É um pobre diabo de poeta,  
Um homem sem miolo e sem barriga  
Que lembrou-se de vir morrer na estrada!"  
"Abrenúncio! —rouqueja o Santo Bispo—  
Leve o Diabo essa tribo de boêmios!  
Não há tanto lugar onde se morra?  
Maldita gente! inda persegue os Santos  
Depois que o Diabo a leva! . . ."  
E foi caminho.  
Leve-te Deus! Apóstolo da crença,  
Da esperança e da santa caridade!  
Tu, sim, és religioso e nos altares  
Vem cada sacristão, e cada monge  
Agitar a teus pés o seu turíbulo!  
E o sangue do Senhor no cálix d'oiro  
Da turba na oração te banha os lábios  
Leve-te Deus, Apóstolo da crença!  
Sem padres como tu que fora o mundo?  
É por ti que o altar apóia o trono!  
E teu olhar que fertiliza os vales  
Fecunda a vinha santa do Messias!  
Leve-te Deus ou leve-te o Demônio!

## V

Caiu a noite, do azulado manto,  
Como gotas de orvalho, sacudindo

Estrelas cintilantes.—Veio a lua  
Banhando de tristeza o céu noturno:  
Derrama aos corações melancolia,  
Derrama no ar cheiroso molemente  
Cerúlea chama, dia incerto e pálido  
Que ao lado da floresta ajunta as sombras  
E lança pelas águas da campina  
Alvacentos clarões que as flores bebem.  
A galope, de volta do noivado,  
Passa o Conde Solfier, e a noiva Elfrida.  
Seguem fidalgos que o sarau reclama.  
Elfrida  
—Não vês, Solfier, ali da estrada em meio  
Um defunto estendido?—  
Solfier  
—Ó minha Elfrida,  
Voltemos desse lado: outro caminho

Se dirige ao castelo. É mau agouro  
Por um morto passar em noites destas.  
Mas Elfrida aproxima o seu cavalo.  
Elfrida  
—Tancredo vede! é o trovador Tancredo!  
Coitado! assim morrer! um pobre moço!  
Sem mãe e sem irmã! E não o enterram?  
Neste mundo não teve um só amigo?—  
"Ninguém, senhora—respondeu da sombra  
Uma dorida voz—Eu vim, há pouco,  
Ao saber que do povo no abandono  
Jazia como um cão. Eu vim, e eu mesmo  
Cavei junto do lago a cova impura."  
Elfrida  
—Tendes um coração. Tomai, mancebo,  
Tomai essa pulseira Em oiro e jóias  
Tem bastante p'ra erguer-lhe um monumento,  
E para longas missas lhe dizerem  
Pelo repouso d'alma...  
O moço riu-se.  
O desconhecido  
—Obrigado. Guardai as vossas jóias.  
Tancredo o trovador morreu de fome;  
Passaram-lhe no corpo frio e morto,  
Salpicaram de lodo a face dele,  
Talvez cuspissem nesta fronte santa  
Cheia outrora de eternas fantasias,  
De idéias a valer um mundo inteiro!...  
Por que lançar esmolos ao cadáver?  
Leva-as, fidalga—tuas jóias belas!  
O orgulho do plebeu as vê sorrindo.  
Missas... bem sabe Deus se neste mundo  
Gemeu alma tão pura como a dele!  
Foi um anjo, e murchou-se como as flores,  
Morreu sorrindo como as virgens morrem!  
Alma doce que os homens enjeitaram,  
Lírio que profanou a turba imunda,  
Oh! não te mancharei nem a lembrança

Com o óbolo dos ricos! Pobre corpo,  
És o templo deserto, onde habitava  
O Deus que em ti sofreu por um momento!  
Dorme, pobre Tancredo! eu tenho braços:  
Na cova negra dormirás tranqüilo. . .  
Tu repousas ao menos! . . . —  
No entanto sofrendo a custo a raiva,

Mordendo os lábios de soberba e fúria,  
Solfier da bainha arranca a espada,  
Avança ao moço e brada-lhe:  
"Insolente!  
Cala-te, doudo! Cala-te, mendigo!  
Não vês quem te falou? Curva o joelho,  
Tira o gorro, vilão!"  
O desconhecido  
—Tu vês: não tremo.

Tu não vales o vento que salpica  
Tua fronte de pó. Porque és fidalgo,  
Não sabes que um punhal vale uma espada  
Dentro do coração?—  
Mas logo Elfrida:

"Acalma-te, Solfier! O triste moço  
Desespera, blasfema e não me insulta.  
Perdoa-me também, mancebo triste;  
Não pensei ofender tamanho orgulho.  
Tua mágoa respeito. Só te imploro  
Que sobre a fronte ao trovador desfolhes  
Essas flores, as flores do noivado  
De uma triste mulher . . . E quanto às jóias,  
Lança-as no lago. . . Mas quem és? teu nome?"  
O desconhecido

—Quem sou? um doudo, uma alma de insensato,  
Que Deus maldisse e que Satã devora;  
Um corpo moribundo em que se nutre  
Uma centelha de pungente fogo,  
Um raio divinal que dói e mata,  
Que doira as nuvens e amortalha a terra! . .  
Uma alma como o pó em que se pisa;  
Um bastardo de Deus, um vagabundo  
A que o gênio gravou na fronte—anátema!  
Desses que a turba com o dedo aponta. . .  
Mas não; não hei de sê-lo! eu juro n'alma,  
Pela caveira, pelas negras cinzas  
De minha mãe o juro... agora há pouco  
Junto de um morto reneguei do gênio,  
Quebrei a lira à pedra de um sepulcro. . .  
Eu era um trovador, sou um mendigo .  
Ergueu do chão a dádiva d'Elfrida;  
Roçou as flores aos trementes lábios;  
Beijou-as. Sobre o peito de Tancredo  
Pousou-as lentamente...

—Em nome dele,  
Agradeço estas flores do teu seio,  
Anjo que sobre um túmulo desfolhas  
Tuas últimas flores de donzela!—

Depois vibrou na lira estranhas mágoas,  
Carpiu à longa noite escuras nêneas,  
Cantou: banhou de lágrimas o morto.  
De repente parou—vibrou a lira  
Co'as mãos iradas, trêmulas... e as cordas  
Uma per uma rebentou cantando...  
Tinha fogo no crânio, e sufocava.  
Passou a fria mão nas fontes úmidas,  
Abriu a medo os lábios convulsivos,  
Sorriu de desespero—e sempre rindo  
Quebrou as jóias as lançou no abismo.

## VI

No outro dia, na borda do caminho  
Deitado ao pé de um fosso aberto apenas,  
Viu-se um mancebo loiro que morria. . .  
Semblante feminil, e formas débeis,  
Mas nos palores da espaçosa fronte  
Uma sombria dor cavara sulcos.  
Corria sobre os lábios alvacentos  
Uma leve umidez, um ló d'escuma,  
E seus dentes a raiva constringira...  
Tinha os punhos cerrados. . . Sobre o peito  
Acharam letras de uma língua estranha. . .  
E um vidro sem licor. . . fora veneno! . . .  
Ninguém o conheceu; mas conta o povo  
Que, ao lançá-lo no túmulo, o coveiro  
Quis roubar-lhe o gibão—despiu o moço. . .  
E viu. . . talvez é falso. . . níveos seios. . .  
Um corpo de mulher de formas puras. . .  
Na tumba dormem os mistérios de ambos;  
Da morte o negro véu não há erguê-lo!  
Romance obscuro de paixões ignotas  
Poema d'esperança e desventura,  
Quando a aurora mais bela os encantava,  
Talvez rompeu-se no sepulcro deles!  
Não pode o bardo revelar segredos  
Que levaram ao céu as ternas sombras;  
Desfolha apenas nessas fronteiras puras  
Da extrema inspiração as flores murchas. . .

### **Idéias íntimas (Fragmento)**

La chaise ou je m'assieds, la natte ou je me couche, La table ou je t'écris,.....  
Mes gros souliers ferrés, mon bâton,, mon chapeau. Mes livres pêle-mêle entassés sur leur  
planche.....  
De cet espace étroit sont tout l'ameublement.

Lamartine, Jocelyn

## I

Ossian o bardo é triste como a sombra  
Que seus cantos povoa. O Lamartine  
É monótono e belo como a noite,  
Como a lua no mar e o som das ondas  
Mas pranteia uma eterna monodia,  
Tem na lira do gênio uma só corda,  
Fibra de amor e Deus que um sopro agita:  
Se desmaia de amor a Deus se volta,  
Se pranteia por Deus de amor suspira.  
Basta de Shakespeare. Vem tu agora,  
Fantástico alemão, poeta ardente  
Que ilumina o clarão das gotas pálidas  
Do nobre Johannisberg! Nos teus romances  
Meu coração deleita-se. . . Contudo  
Parece-me que vou perdendo o gosto,  
Vou ficando blasé, passeio os dias  
Pelo meu corredor, sem companheiro,  
Sem ler, nem poetar. Vivo fumando.  
Minha casa não tem menores névoas  
Que as deste céu d'inverno. . . Solitário  
Passo as noites aqui e os dias longos;  
Dei-me agora ao charuto em corpo e alma;  
Debalde ali de um canto um beijo implora,  
Como a beleza que o Sultão despreza,  
Meu cachimbo alemão abandonado!  
Não passeio a cavalo e não namoro;  
Odeio o lansquenê. . . Palavra d'honra:  
Se assim me continuam por dois meses  
Os diabos azuis nos frouxos membros,  
Dou na Praia Vermelha ou no Parnaso.

## II

Enchi o meu salão de mil figuras.  
Aqui voa um cavalo no galope,  
Um roxo dominó as costas volta  
A um cavaleiro de alemães bigodes,  
Um preto bebereão sobre uma pipa,  
Aos grossos beiços a garrafa aberta. . .  
Ao longo das paredes se derramam  
Extintas inscrições de versos mortos,

E mortos ao nascer. . . Ali na alcova  
Em águas negras se levanta a ilha  
Romântica, sombria à flor das ondas  
De um rio que se perde na floresta. . .  
Um sonho de mancebo e de poeta,  
El-Dorado de amor que a mente cria  
Como um Éden de noites deleitosas....  
Era ali que eu podia no silêncio  
Junto de um anjo. . . Além o romantismo!  
Borra adiante folgaz caricatura  
Com tinta de escrever e pó vermelho

A gorda face, o volumoso abdômen,  
E a grossa penca do nariz purpúreo  
Do alegre vendilhão entre botelhas  
Metido num tonel... Na minha cômoda  
Meio encerado o copo inda verbera  
As águas d'oiro do Cognac fogoso.  
Negreja ao pé narcótica botelha  
Que da essência de flores de laranja  
Guarda o licor que nectariza os nervos.  
Ali mistura-se o charuto Havano  
Ao mesquinho cigarro e ao meu cachimbo.  
A mesa escura cambaleia ao peso  
Do titânio Digesto, e ao lado dele  
Childe Harold entreaberto ou Lamartine.  
Mostra que o romanismo se descuida  
E que a poesia sobrenada sempre  
Ao pesadelo clássico do estudo.

### III

Reina a desordem pela sala antiga,  
Desce a teia de aranha as bambinelas  
À estante pulvurenta. A roupa, os livros  
Sobre as cadeiras poucas se confundem.  
Marca a folha do Faust um colarinho  
E Alfredo de Musset encobre às vezes  
De Guerreiro ou Valasco um texto obscuro.  
Como outrora do mundo os elementos  
Pela treva jogando cambalhotas,  
Meu quarto, mundo em caos, espera um Fiat!

### IV

Na minha sala três retratos pendem.  
Ali Victor Hugo. Na larga frente  
Erguidos luzem os cabelos loiros  
Como c'roa soberba. Homem sublime,  
O poeta de Deus e amores puros  
Que sonhou Triboulet, Marion Delorme  
E Esmeralda a Cigana e diz a crônica  
Que foi aos tribunais parar um dia  
Por amar as mulheres dos amigos  
E adúlteros fazer romances vivos.

### V

Aquele é Lamennais—o bardo santo,  
Cabeça de profeta, ungido crente,  
Alma de fogo na mundana argila  
Que as harpas de Sion vibrou na sombra,  
Pela noite do século chamando  
A Deus e à liberdade as loucas turbas.  
Por ele a George Sand morreu de amores,

E dizem que. . . Defronte, aquele moço  
Pálido, pensativo, a fronte erguida,  
Olhar de Bonaparte em face Austríaca,  
Foi do homem secular as esperanças.  
No berço imperial um céu de Agosto  
Nos cantos de triunfo despertou-o. . .  
As águias de Wagram e de Marengo  
Abriam flamejando as longas asas  
Impregnadas do fumo dos combates,  
Na púrpura dos Césares, guardando-o.  
E o gênio do futuro parecia  
Predestiná-lo à glória. A história dele?  
Resta um crânio nas urnas do estrangeiro. . .  
Um loureiro sem flores nem sementes. . .  
E um passado de lágrimas. . . A terra  
Tremeu ao sepultar-se o Rei de Roma.  
Pode o mundo chorar sua agonia  
E os louros de seu pai na frente dele  
Infecundos depor... Estrela morta,  
Só pode o menestrel sagrar-te prantos!

## VI

Junto a meu leito, com as mãos unidas,  
Olhos fitos no céu, cabelos soltos,  
Pálida sombra de mulher formosa  
Entre nuvens azuis pranteia orando.  
É um retrato talvez. Naquele seio  
Porventura sonhei doiradas noites:  
Talvez sonhando desatei sorrindo  
Alguma vez nos ombros perfumados  
Esses cabelos negros, e em delíquio  
Nos lábios dela suspirei tremendo.  
Foi-se minha visão. E resta agora  
Aquela vaga sombra na parede  
—Fantasma de carvão e pó cerúleo,  
Tão vaga, tão extinta e fumarenta  
Como de um sonho o recordar incerto.

## VII

Em frente do meu leito, em negro quadro  
A minha amante dorme. É uma estampa  
De bela adormecida. A rósea face  
Parece em visos de um amor lascivo  
De fogos vagabundos acender-se. . .  
E com a nívea mão recata o seio. . .  
Oh! quantas vezes, ideal mimoso,

Não encheste minh'alma de ventura,  
Quando louco, sedento e arquejante,  
Meus tristes lábios imprimi ardentes  
No poento vidro que te guarda o sono!

## VIII

O pobre leito meu desfeito ainda  
A febre aponta da noturna insônia.  
Aqui lânguido a noite debati-me  
Em vãos delírios anelando um beijo...  
E a donzela ideal nos róseos lábios,  
No doce berço do moreno seio  
Minha vida embalou estremecendo. . .  
Foram sonhos contudo. A minha vida  
Se esgota em ilusões. E quando a fada  
Que diviniza meu pensar ardente  
Um instante em seus braços me descansa  
E roça a medo em meus ardentes lábios  
Um beijo que de amor me turva os olhos.  
Me ateia o sangue, me enlanguesce a fronte,  
Um espírito negro me desperta,  
O encanto do meu sonho se evapora  
E das nuvens de nácar da ventura  
Rolo tremendo à solidão da vida!

## IX

Oh! ter vinte anos sem gozar de leve  
A ventura de uma alma de donzela!  
E sem na vida ter sentido nunca  
Na suave atração de um róseo corpo  
Meus olhos turvas se fechar de gozo!  
Oh! nos meus sonhos, pelas noites minhas  
Passam tantas visões sobre meu peito!  
Palor de febre meu semblante cobre,  
Bate meu coração com tanto fogo!  
Um doce nome os lábios meus suspiram,  
Um nome de mulher . . e vejo lânguida  
No véu suave de amorosas sombras  
Seminua, abatida, a mão no seio,  
Perfumada visão romper a nuvem,  
Sentar-se junto a mim, nas minhas pálpebras  
O alento fresco e leve como a vida  
Passar delicioso. . . Que delírios!  
Acordo palpitante . . inda a procuro;  
Embalde a chamo, embalde as minhas lágrimas  
Banham meus olhos, e suspiro e gemo. . .  
Imploro uma ilusão. . . tudo é silêncio!  
Só o leito deserto, a sala muda!  
Amorosa visão, mulher dos sonhos,  
Eu sou tão infeliz, eu sofro tanto!  
Nunca virás iluminar meu peito  
Com um raio de luz desses teus olhos?

## X

Meu pobre leito! eu amo-te contudo!

Aqui levei sonhando noite belas  
As longas horas olvidei libando  
Ardentes gotas de licor doirado,  
Esqueci-as no fumo, na leitura  
Das páginas lascivas do romance. .  
Meu leito juvenil, da minha vida  
És a página d'oiro. Em teu asilo  
Eu sonho-me poeta, e sou ditoso,  
E a mente errante devaneia em mundos  
Que esmalta a fantasia! Oh! quantas vezes  
Do levante no sol entre odaliscas  
Momentos não passei que valem vidas!  
Quanta música ouvi que me encantava!  
Quantas virgens amei! que Margaridas,  
Que Elviras saudosas e Clarissas  
Mais trêmulo que Faust eu não beijava,  
Mais feliz que Don Juan e Lovelace  
Não apertei ao peito desmaiando!  
Ó meus sonhos de amor e mocidade,  
Por que ser tão formosos, se devíeis  
Me abandonar tão cedo... e eu acordava  
Arquejando a beijar meu travesseiro?

## XI

Junto do leito meus poetas dormem  
—O Dante, a Bíblia, Shakespeare e Byron -  
Na mesa confundidos. Junto deles  
Meu velho candeeiro se espreguiça  
E parece pedir a formatura.  
Ó meu amigo, ó velador noturno,  
Tu não me abandonaste nas vigílias,  
Quer eu perdesse a noite sobre os livros,  
Quer, sentado no leito, pensativo  
Relesse as minhas cartas de namoro!  
Quero-te muito bem, ó meu comparsa  
Nas doudas cenas de meu drama obscuro!  
E num dia de spleen, vindo a pachorra,  
Hei de evocar-te num poema heróico  
Na rima de Camões e de Ariosto  
Como padrão às lâmpadas futuras!

## XII

Aqui sobre esta mesa junto ao leito  
Em caixa negra dous retratos guardo.  
Não os profanem indiscretas vistas.  
Eu beijo-os cada noite: neste exílio  
Venero-os juntos e os prefiro unidos  
—Meu pai e minha mãe.—Se acaso um dia  
Na minha solidão me acharem morto,  
Não os abra ninguém. Sobre meu peito

Lancem-os em meu túmulo. Mais doce

Será certo o dormir da noite negra  
Tendo no peito essas imagens puras.

### XIII

Havia uma outra imagem que eu sonhava  
No meu peito na vida e no sepulcro.  
Mas ela não o quis rompeu a tela  
Onde eu pintara meus doirados sonhos.  
Se posso no viver sonhar com ela,  
Essa trança beijar de seus cabelos  
E essas violetas inodoras, murchas,  
Nos lábios frios comprimir chorando,  
Não poderei na sepultura, ao menos,  
Sua imagem divina ter no peito.

### XIV

Parece que chorei . Sinto na face  
Uma perdida lágrima rolando. . .  
Satã leve a tristeza! Olá, meu pajem,  
Derrama no meu copo as gotas últimas  
Dessa garrafa negra...  
Eia! bebamos!  
És o sangue do gênio, o puro néctar  
Que as almas de poeta diviniza,  
O condão que abre o mundo das magias!  
Vem, feroso Cognac! É só contigo  
Que sinto-me viver. Inda palpito,  
Quando os eflúvios dessas gotas áureas  
Filtram no sangue meu correndo a vida,  
Vibram-me os nervos e as artérias queimam  
Os meus olhos ardentes se escurecem  
E no cérebro passam deliriosos  
Assomos de poesia. . . Dentre a sombra  
Vejo num leito d'oiro a imagem dela  
Palpitante, que dorme e que suspira,  
Que seus braços me estende. . .  
Eu me esquecia:  
Faz-se noite, traz fogo e dous charutos  
E na mesa do estudo acende a lâmpada...

### **Boêmios** **(Ato de uma comédia não escrita)**

*Totus mundus agit histrionem* (proverbio do tempo de Shakespeare)

### **Prólogo**

Levanta-se o pano até o meio. Passa por debaixo e vem até a rampa um velho de cabeça calva, camisola branca, carapuça frígia coroadada de louros. Tem um ramo de oliveira na mão. Faz as cortesias do estilo e fala:

Dom Quixote! Sublime criatura!  
Tu sim foste leal e cavaleiro,  
O último herói, o paladim extremo  
De Castela e do mundo. Se teu cérebro  
Toldou-se na loucura, a tua insânia  
Vale mais do que o siso destes séculos  
Em que a Infâmia, Dagon cheio de lodo,  
Recebe as orações, mirras e flores,  
E a louca multidão renega o Cristo!  
Tua loucura revelava brio.  
No triste livro do imortal Cervantes  
Não posso crer um insolente escárnio  
Do Cavaleiro andante aos nobres sonhos,  
Ao fidalgo da Mancha—cuja nódoa  
Foi só ter crido em Deus e amado os homens,  
E votado seu braço aos oprimidos.  
Aquelas folhas não me causam riso,  
Mas desgosto profundo e tédio à vida.  
Soldado e trovador, era impossível  
Que Cervantes manchasse um valeroso  
Em vil caricatura, e desse à turba,  
Como presa de escárnio e de vergonha,  
Esse homem que à virtude, amor e cantos  
Abria o coração!  
Estas idéias  
Servem para desculpa do poeta.  
Apesar de bom moço, o autor da peca  
Tem uns laivos talvez de Dom Quixote.  
E nestes tempos de verdade e prosa —  
Sem Gigantes, sem Mágicos medonhos  
Que velavam nas torres encantadas  
As donzelas dormidas por cem anos—  
Do seu imaginar esgrime as sombras  
E dá botes de lança nos moinhos.  
Mas não escreve sátiras: apenas  
Na idade das visões—dá corpo aos sonhos.  
Faz trovas, e não talha carapuças.  
Nem rebuça no véu do mundo antigo,  
P'ra realce maior, presentes vícios.  
Não segue a Juvenal, e não embebe  
Em venenoso fel a pena escura  
Para nódoas pintar no manto alheio.

O tempo em que se passa agora a cena  
É o século dos Bórgias. O Ariosto  
Depôs na frente a Rafael gelado  
Sua c'roa divina, e o segue ao túmulo.  
Ticiano inda vive. O rei da turba  
É um gênio maldito—o Aretino.  
Que vende a alma e prostitui as crenças.  
Aretino! essa incrível criatura,  
Poeta sem pudor' onda de lodo  
Em que do gênio profanou-se a pérola  
Vaso d'ouro que um óxido sem cura  
Azinhavrou de morte homem terrível  
Que tudo profanou co'as mãos imundas,

Que latiu como um cão mordendo um século,  
E, como diz um epitáfio antigo,  
Só em Deus não mordeu, porque o não vira.  
Como ele, foi devasso todo o século.  
Os contos de Boccaccio e de Brantôme  
São mais puros que a história desses tempos.  
Tasso enlouquece. O Rei que se diverte  
—O herói de Marignan e de Pavia  
Que num vidro escrevera do palácio  
Femme sovem varie, mas leviano  
Com mais amantes que um Sultão vivia,  
Mandava ao Aretino amáveis letras,  
Um colar d'oiro com sangrentas línguas,  
E dava-lhe pensões. O Vaticano  
Viu o Papa beijando aquela fronte.  
Carlos V o nomeia cavaleiro,  
Abraça-o e—inda mais—lhe manda escudos.  
O Duque João Médicis o adora,  
Dorme com ele a par no mesmo leito.  
É um tempo de agonias. A arte pálida,  
Suarenta, moribunda, desespera  
E aguarda o funeral de Miguel Angelo  
Para com ele abandonar o mundo  
E angélica voltar ao céu dos Anjos.  
Agora basta. Revelei minh'alma.  
A cena descrevi onde correra  
Inteira uma comédia em vez de um ato,  
Se o poeta mais forte se atrevesse  
A erguer nos versos a medonha sombra  
Da loucura fatal do mundo inteiro.  
Boas-noites, platéia e camarotes;  
O ponto já me diz que deixe o campo.  
O primeiro galã todo empoado,  
Cheio de vermelhão, já dentro fala:  
Estão cheios de luz os bastidores.  
Uma última palavra: o autor da peca,  
Puxando-me da túnica romana,  
Diz-me da cena que eu avise às Damas  
Que desta feita os saís não são precisos;

Não há de sarrabulho haver no palco.  
É uma peça clássica. O perigo  
Que pode ter lugar é vir o sono;  
Mas dormir é tão bom, que certamente  
Ninguém por esse dom fará barulho.  
O assunto da Comédia e do Poema  
Era digno sem dúvida, Senhores,  
De uma pena melhor; mas desta feita  
Não fala Shakespeare nem Gil Vicente.  
O poeta é novato, mas promete.  
Posto que seja um homem barrigudo  
E tenha por Talia o seu cachimbo,  
Merece aplausos e merece glória.

**Ato único**

A cena passa-se na Itália no século XVI. Uma rua escura e deserta. Alta noite. Numa esquina uma imagem de Madona em seu nicho alumado por uma lâmpada.

Puff dorme no chão abraçando uma garrafa. Níni entra tocando guitarra. Dão 3 horas.

Níni: Olá! que fazes, Puff? dormes na rua?

PUFF, acordando. Não durmo... Penso.

Níni: Estás enamorado?

E deitado na pedra acaso esperas

O abrir de uma janela? Estás cioso

E co'a botelha em vez de durindana

Aguardas o rival?

Puff: Ceci à farta

Na taverna do Sapo e das Três-Cobras.

Faço o quilo; ao repouso me abandono.

Como o Papa Alexandre ou como um Turco,

Me entrego ao farniente e bem a gosto

Descanso na calcada imaginando.

Níni: Embalde quis dormir. Na minha mente

Fermenta um mundo novo que desperta.

Escuta, Puff: eu sinto no meu crânio

Como em seio de mãe um feto vivo.

Na minha insônia vela o pensamento.

Os poetas passados e futuros

Vou todos ofuscar... Aqui no cérebro

Tenho um grande poema.

Hei de escrevê-lo,

É certa a glória minha!

Puff: A idéia é boa:

Toma dez bebedeiras—são dez cantos.

Quanto a mim tenho fé que a poesia

Dorme dentro do vinho. Os bons poetas

Para ser imortais beberam muito.

Níni: Não rias. Minha idéia é nova e bela.

A Musa me votou a eterna glória.

Não me engano, meu Puff, enquanto sonho:

Se aos poetas divinos Deus concede

Um céu mais glorioso, ali com Tasso,

Com Dante e Ariosto eu hei de ver-me.

Se eu fizer um poema, certamente

No Panteon da fama cem estátuas

Cantarão aos vindouros o meu gênio!

Puff: Em estátua, meu Níni! Estás zombando!

É impossível que saias parecido.

Que mármore daria a cor vermelha

Deste imenso nariz' destas melenas?

Níni: Estás bêbado, Puff. Tresandas vinho.

Puff: O vinho! És uma besta; só um parvo

Pode a beleza desmentir do vinho.

Tu nunca leste o Cântico dos Cânticos

Onde o rei Salomão, como elogio,

Dizia à noiva—Pulchriora sunt

Ubera tua vino!

Níni: É sempre um bobo

Puff: E tu és sempre esse nariz vermelho

Que ainda aqui na treva desta rua

Flameja ao pé de mim. Quando te vejo,  
Penso que estou na Igreja ouvindo  
Missa Dita por Cardeal.  
Níni: És um devasso.  
Puff: Respondo-te somente o que dizia  
Sir John Falstaff, da noite o cavaleiro:  
"Se Adão pecou no estado de inocência,  
Que muito é que nos dias da impureza  
Peque o mísero Puff?" Tu bem o sabes:  
Toda a fragilidade vem da carne,  
E na carne se eu tanto excedo os outros,  
Vícios não devem meus causar espanto.  
Minha alma dorme em treva completíssima  
Pela minha descrença... E tu, maldito,  
Por que sempre não vens esclarecer-me  
Com esse teu farol aceso sempre,  
Cavaleiro da lâmpada vermelha  
As trevas de minh'alma?  
Níni: Que leproso!  
Puff: Sou um homem de peso. Entendo a vida;  
Tenho muito miolo, e a prova disto  
É que não sou poeta nem filósofo,  
E gosto de beber, como Panúrgio.  
Se tu fosses tonel, como pareces,  
Eu te bebera agora de um só trago.  
Níni: Quero-te bem contudo. Amigos velhos  
Deixemo-nos de histórias. Meu poema...  
Puff: Se falas em poema, eu logo durmo.  
Níni: Uma vez era um rei...  
Puff: Não vês? eu ronco.  
Níni: Quero a ti dedicar minha obra-prima;  
Irás junto comigo à eternidade.  
Teu retrato porei no frontispício.  
Meu poema será uma coroa  
Que as nossas frentes engrinalde juntas.  
Puff: Pensei-te menos doudo. O teu poema  
Seria uma sublime carapuça.  
Mas, já que sonhas tanto, olha, meu Níni,  
Tu precisas de um saco.  
Níni: Impertinente!  
Puff: Dá-me aqui tua mão. Sabes, amigo?  
Passei ontem o dia de namoro;  
Minhas paixões voltei à nova esposa  
Do velho Conde que ali mora em frente.  
Estou adiantado nos amores.  
A cozinheira, outrora minha amante,  
Meus passos guia, meus suspiros leva.  
Mas preciso, com pressa, de um soneto.  
Prometes-me fazê-lo?  
Níni: Se me ouvires  
Recitar meu poema...  
Puff: Eu me resigno.  
Declama teu sermão, como um vigário.  
Mas o sono ao rebanho se permite?

(Entra um criado correndo.)

Roa-me o diabo as tripas, se não vejo  
Ali correr com pernas de cabrita  
O criado do cônego Tansoni.  
Níni: Onde vais, Gambioletto?  
Gambioletto: Vou à pressa  
Ao doutor Fossuário.  
Puff: Acaso agora  
O carrasco fugiu?  
Níni: Quem agoniza?  
Gambioletto: O Reverendo e Santo Sr. Cônego,  
Deitando-se a dormir depois da ceia  
No colo de Madona la Zaffeta,  
Um das dores sentiu pela barriga,  
Caiu estrebuchando sobre a sala...  
Morre de apoplexia.  
Níni: O diabo o leve!  
Gambioletto: E o médico, Srs.!  
(Sai correndo.)  
Puff: Venturoso!  
Sempre é Cônego... Níni, dulce et decus  
Pro patria mori É doce e glorioso  
Morrer de apoplexia! Quem me dera  
Morrer depois da ceia, de repente!  
Não vem o confessor contar novelas,  
Não soam cantos fúnebres em torno,  
Nem se forca o medroso moribundo  
A rezar, quando só dormir quisera!  
Venturosos os Cônegos e os Bispos,  
E os papudos Abades dos conventos!  
Eles podem morrer de apoplexia!  
E se morre pensando—coisa nova!  
Quem nunca no viver cansou-se nisso;  
Se eles morrerem pensando, ante seus olhos,  
No momento final sem ter pavores,  
Inda corre a visão da bela mesa!  
A não morrer-se como o velho Píndaro,  
Cantando, sobre o seio amorenado  
De sua amante Grega, oh! quem me dera  
Cair morto no chão, beijando ainda  
A botelha divina!  
Níni: Que maluco!  
A estas horas da noite, assim no escuro  
Não temes de lembrar-te de defuntos?  
Beijarias até uma caveira,  
Se espumante o Madeira ali corresse!  
Puff: Os cálices doirados são mais belos;  
Inda porém mais doce é nos beicinhos  
Da bela moca que sorrindo bebe  
Libar mais terno o saibo dos licores...  
Eu prefiro beijar a tua amante.  
Níni: Tens medo de defuntos?  
Puff: Um bocado  
Sinto que não nasci para coveiro.  
Contudo, no domingo, à meia-noite. . .  
Pela forca passei, vi nas alturas,

Do luar sem vapor à luz formosa,  
Um vilão pendurado. Era tão feio!  
A língua um palmo fora, sobre o peito,  
Os olhos espantados, boca lívida,  
Sobre a cabeça dele estava um corvo...  
O morto estava nu, pois o carrasco  
Despindo os mortos dá vestido aos filhos,  
E deixa à noite o padecente à fresca.  
Eu senti pelo corpo uns arrepios. . .  
Mas depois veio o animo... trepei-me  
Pela escada da forca, fui acima,  
E pintei uns bigodes no enforcado.  
Níni: Bravo como um Vampiro!  
Puff: Oh! antes d'ontem  
Passei pelos telhados sem ter medo,  
Para evitar um pátio onde velava  
Um cão—que enorme cão! —subindo ao quarto  
Onde dorme Rosina Belvidera.  
Níni: Ousaste ao Cardeal depor na frente  
Tão pesada coroa?  
Puff: A mitra cobre.  
Dizem que a santidade lava tudo;  
Depois. . . o Cardeal estava bêbado...  
A propósito, sabes dos amores  
Do capitão Tybald? O tal maroto  
Não sei de que milagres tem segredo  
Que deu volta à cabeça da rainha.  
Níni: Por isso o pobre Rei anda tão triste!  
Puff: Spadaro, o fidalgoite barba-ruiva,  
Contou-me que espiando p'la janela  
Do quarto da rainha os viu Caluda!  
Níni: E o Rei que faz? Não tem lá na cozinha  
Algum pau de vassoura ou um chicote?  
Puff: El-Rei Nosso Senhor então ceava.  
Níni: Santo Rei!  
Puff: E demais é bem sabido  
Que El-Rei só reina à mesa e nas caçadas.  
Níni: Nunca perde um veado quando atira.  
Puff: Ele caça veados! Má fortuna!  
Não o cacem também pela ramagem!  
Níni: Com língua tão comprida e viperina  
Irás parar na forca.  
Puff: Níni, escuta.  
Assisti esta noite a um pagode  
Na taverna do Sapo e das Três-Cobras.  
Era já lusco-fusco e eu entrando  
Dou com Frei São José e Frei Gregório,  
O Prior do convento dos Bernardos  
E mais uns dous ou três que só conheço  
De ver pelas esquinas se encostando,

Ou dormidos na rua a sono solto. . .  
Que soberbo painel! Faze uma idéia!  
Um banquete! fartura! que presuntos!  
Que tostados leitões que recendiam!  
Numa enorme caldeira enormes peixes,

Recheados capões fervendo ainda,  
Peus, olhas-podridas, costeletas  
Esgotara o talento a cozinheira!  
Abertos garrafões; garrafas cheias;  
Vinho em copos imensos transbordando;  
Na toalha, já suja, debruçados  
Aqueles religiosos cachaçados  
De boca aberta e de embotados olhos.  
Gastrônomos! ali é que se via  
Que é ciência comer, e como um frade  
Goza pelo nariz e pelos olhos,  
Pelas mãos, pela boca, e faz focinho  
E bate a língua ao paladar gostoso  
Ao celeste sabor de um bom pedaço!  
Depois! era bonito! Frei Gregório  
Co'a boca de gordura reluzente,  
Farto de vinho, esquece o reumatismo,  
Esquece a erisipela já sem cura,  
Canta rondós e dança a tarantela.  
Arrasta-se caindo e se babando  
Aos pés da taverneira De joelhos  
Faz-lhe a corte cantando o Miserere  
Principia sermões, engrola textos,  
E a gorda mão estende ao nédio seio  
Da bela mocetona. . . a mão lhe beija,  
A mão que o cetro cinge de vassoura. . .  
Chora, soluça e cai, estende os braços,  
Ainda a chama, e cantochão entoa  
Era de rir! os velhos amorosos,  
Uns de joelhos no chão, outros cantando  
Estendidos na mesa entre os despojos,  
Outros beijando a moça, outros dormindo.  
Ela no meio deslambida e fresca  
Excita-os mutuamente e os rivaliza,  
Passa-lhes pelo queixo a mão gorducha...  
Corre o Prior a soco um Barbadinho,  
Atracam-se, blasfemam, esconjuram,  
Um agarra na barba do contrário,  
Outro tenta apertar o papo alheio...  
Abraçam-se na luta os dous volumes  
E rolam como pipas. No oceano  
Assim duas baleias ciumentas  
Atracam-se na luta... Que risadas!  
Que risadas, meu Deus! arrebetando  
Soltou o pobre Puff vendo a comédia!  
Níni: Ouve agora o poema...  
Puff: Espera um pouco,  
A taverna do canto não se fecha,  
Está aberta. Compra uma garrafa ...  
Bom vinho tu bem sabes! Tenho a goela  
Fidalga como um rei. Não tenho dúvida  
Mentiu a minha mãe quando contou-me  
Que nasci de um prosaico matrimônio  
Eu filho de escrivão!. . . Para criar-me  
Era—senão um Rei—preciso um Bispo!  
Níni (Vai à taverna e volta): Eis aqui uma bela empada fria,

Uma garrafa e copo.  
Puff (quebrando o copo): O Demo o leve!  
Eu sou como Diógenes. Só quero  
Aquilo sem o que viver não posso.  
Deitado nesta laje, preguiçoso,  
Olhando a lua, beijo esta garrafa,  
E o mundo para mim é como um sonho.  
Creio até que teu ventre desmedido  
Como escura caverna vai abrir-se,  
Mostrando-me no seio iluminado  
Panoramas de harém, Sultanas lindas  
E longas prateleiras de bom vinho!  
Níni: Dou começo ao poema. Escuta um pouco:

## I

Havia um rei numa ilha solitária,  
Um rei valente, cavaleiro e belo.  
O rei tinha um irmão.—Era um mancebo  
Pálido, pensativo. A sua vida  
Era nas serras divagar cismando,  
Sentar-se junto ao mar, dormir no bosque  
Ou vibrar no alaúde os seus gemidos.

## II

Vagabundo um vez junto das ondas  
O Príncipe encontrou na areia fria  
Uma branca donzela desmaiada,  
Que um naufrágio na praia arremessara.  
Revelavam-lhe as roupas gotejantes  
O belo talhe nívoo, o melindroso  
Das bem moldadas formas. —O mancebo  
Nos braços a tomou, e foi com ela  
Esconder-se no bosque.  
Quando a bela  
Suspirando acordou, o belo Príncipe  
Aos pés dela velava de joelhos.  
Amaram-se. É a vida. Eles viveram  
Desse desmaio que dá corpo aos sonhos,  
Que realiza visões e aroma a vida  
Na sua primavera. A lua pálida,  
As sombras da floresta, e dentre a sombra  
As aves amorosas que suspiram  
Viram aquelas fronteiras namoradas.  
Ouviram sufocando-se num beijo  
Suspiros que o deleite evaporava.

## III

O rei tinha um truão. O caso é visto,  
É muito natural.— Se reis sombrios  
Gostam de bobos na doirada corte,

Não admira de certo que um risonho  
Em vez de capelão tivesse um bobo.  
Loriolo—o truão do Rei—acaso  
Um dia atravessando p'la floresta,  
Foi dar numa cabana de folhagens.  
Ninguém estava ali, porém num leito  
De brandas folhas e cheirosas flores  
Ele viu estendidas roupas alvas  
—E roupas de mulher!—e junto um gorro,  
Que pelas jóias e flutuantes plumas  
E pela firma no veludo negro  
Denunciava o Príncipe.  
Loriolo,  
Apesar de na corte ser um Bobo,  
Não era um zote. Foi-se remoendo,  
Jurou dar com a história dos namoros.  
E para andar melhor em tal caminho,  
Ele que adivinhava que as Américas  
Sem proteção de rei ninguém descobre,  
Madrugou muito cedo—inda era escuro—  
E convidou El-Rei para o passeio.

#### IV

Ora, por uma triste desventura,  
O rei entrando na Cabana Verde  
Achou só a mulher.—Adormecida  
No desalinho descuidoso e belo

Com que elas dormem, soltos os cabelos,  
A face sobre a mão, e os seios lindos  
Batendo à solta na macia tela  
Da roupa de dormir que os modelava . . .  
Não digo mais....  
Loriolo pôs-se à espreita.  
O Rei de leve despertou a bela,  
Acordou-a num beijo...

#### V

A linda moça,  
Se havia ali raivosa apunhalar-se,  
Fazer espalhafato e gritaria,  
Por um capricho, voluptuoso assomo,  
Entregou-se ao amor do Rei...

#### VI

"Maldito!"  
Bradou-lhe à porta um vulto macilento.  
"Maldito! meu irmão, aquela moca  
É minha, minha só, é minha amante  
E minha esposa fora.. "

O Rei sorrindo  
Lhe estende a régia mão e diz alegre:  
"A culpa é tua. Eu disto não sabia;  
Se do teu casamento me falasses,  
Eu respeitava tua...."  
"Basta, infame!  
Não acrescentes zombaria ao crime.  
Hei de punir-te. É solitário o bosque;  
Aqui não és um rei, porém um homem,  
Um vil em cujo sangue hei de lavar-me.  
Oh! sangue! quero sangue! eu tenho sede!"

## VII

Despiu tremendo a reluzente espada.  
O mesmo fez o Rei. —Lutaram ambos.  
Feminae sacra fames, quantum pectora  
Mortalia cogis! E embalde a moça,  
Ajoelhando seminua e pálida,  
Vinha chorando, mais gentil no pranto,  
Entre as espadas se lançar gemendo.  
Embalde! Longo tempo encarniçado  
A peleja durou Enfim caíram  
Rolaram ambos trespassados, frios,  
E, na treva de morte que os cegava,  
Inda alongando os braços convulsivos  
Que avermelhava o fratricida sangue,  
Procurando no sangue o inimigo!

## VIII

O Bobo fez as covas. Na montanha  
Enterrou os irmãos.—E quanto à moça,  
Pelo braço a tomou chorosa e fria,  
Foi ao paço, e na gótica varanda,  
De coroa real e longo manto,  
Falou à plebe, prometeu franquezas,  
Impostos levantar e dar torneios.  
—Falou aos guardas: prometeu-lhes vinho,  
—Falou à fidalguia, mas no ouvido,  
E prometeu-lhe consentir nos vícios  
E depressa fazer uma lei nova  
Pela qual, se um fidalgo assassinasse  
Algum torpe vilão, ficasse impune  
E nem pagasse mais a vil quantia  
Que era pena do crime—e alto disse  
Que havia conquistar países novos.

## IX

A história infelizmente é muito vista,  
Não sou original! É uma desgraça!  
Mas prefiro o caráter verdadeiro

De trovador cronista.—

Loriolo

Trocou de guizos o boné sonoro  
—Muito leve chapéu! —pela coroa  
Só teve uma desgraça o Rei novato:  
Foi que um dia fugiu-lhe do palácio  
A tal moça volante nos amores.

## X

Muitos anos passaram. Loriolo  
Era um sublime rei. De rei a bobo  
Já tantos têm caído! Não admira  
Que um Bobo sendo Rei primasse tanto.  
Governava tão bem como governam  
Os reis de sangue azul e raça antiga,  
Demais gastava pouco e, se não fosse  
Seu amor pelas alvas formosuras,  
De certo que na lista dos monarcas  
Ele ficava sendo o Rei Sovina.  
Enfim era um Monarca de mão-cheia.  
Tinha só um defeito—vendo sangue  
Tinha frio no ventre; e desmaiava  
Ao luzir de uma espada era nervoso!  
Ninguém falava nisso.—Até a giba,  
A figura de anão, a pele escura,  
Aquele boca negra escancarada  
(E que nem dentes amarelos tinha  
P'ra ser de Adamastor), as gâmbias finas,  
Eram tipo dos quadros dos pintores.

Se pintavam Adônis ou Cupido,  
Copiavam o Rei em corpo inteiro,  
E o oiro das moedas, que trazia.  
A ventosa bochecha os beiços grossos,  
O porcino perfil e a cabeleira,  
Era beijado com fervor e culto.

## XI

Loriolo envelhecia entre os aplausos,  
Dando a mão a beijar à fidalguia.  
Demais um sabichão fizera um livro  
Em vinte e tantos volumões in-fólio,  
Obra cheia de mapas e figuras  
Em que provava que por linha reta  
De Hércules descendia Loriolo  
E portanto de Júpiter Tonante.  
E apresentou as certidões em cópia  
De óbito e nascimento e batistério,  
E até de casamento, e para prova  
De que nas veias puras do Monarca  
Não corra a mais leve bastardia.  
É inútil dizer que os tais volumes

Nada contavam sobre o Pai, porqueiro  
Como o do Santo Papa Sixto Quinto,  
E sobre a mãe do Rei, a velha Mória  
Que vendera perus, Deus sabe o resto!  
Nos tempos folgazões da mocidade!

## XII

Um dia o reino cem navios tocam.  
São piratas do Norte! são Normandos!  
Infrene multidão nas praias corre,  
Levando tudo a ferro até os frades.  
Matam, queimam, saqueiam, furtam moças.  
E a infrene turba corre até aos paços.

## XIII

Enquanto vem a campo a fidalguia  
Armada pied en cap, espada em punho,  
Loriolo, sem fala, nos apertos  
Nas adegas se esconde.  
Embalde o chamam,  
Embalde corre voz que dos Normandos  
Emissário de paz o Rei procura.  
El-Rei suou de susto a roupa inteira.  
Nem era de admirar, que a reis e povo,  
Como ao bicho-da-seda a trovoada,  
Camisas de onze `-aras apavoram  
E fazem frio aparições de forca.

## XIV

Um soldado Normando que buscava  
Nas adegas reais alguma pinga,  
Mete a verruma numa velha pipa.  
Um grito sai dali, mas não licores.  
O soldado feroz destampa o nicho;  
Agarra um vulto dentro, mas somente  
Sente nas mãos vazia cabeleira  
Desembainha a torva durindana.  
Nas cavernas da pipa, e nas cavernas  
Do coração do Rei reboa o golpe.  
Estala-se o tonel de meio a meio.  
Entretanto o bom Rei que não falava,  
Sujo da lia da ruinosa pipa,  
Mais morto do que vivo (já pensando  
Que seu reino acabava num espeto  
Como o reino do galo), às cambalhotas  
Rola aos pés do soldado, chora e treme,  
Gagueja de pavor nos calafrios  
E pelo amor de Deus perdão implora.

## XV

O soldado, maroto e bom gaiato,  
Agarra às costas o real trambolho,  
Como um vilão que à feira leva um porco,  
E no meio do pátio, entre os despojos,  
De pernas para o ar e cara suja  
Atira o Bobo  
—El-Rei! clama um fidalgo.

## XVI

Porém o Rei não fala... Sua e treme.  
"Singofredo o pirata aqui me envia.  
(Diz ao Rei o pacífico Mercúrio,  
O Arauto de paz que vem de bordo):  
Eu venho aqui propor-vos um tratado.  
Por direito de espada e por herança  
Singofredo é senhor destes países.  
Ele vem reclamar sua coroa.  
Se o Rei não se opuser, não corre sangue;  
Senão hão de fazê-lo em sarrabulho,  
Puxado p'lo nariz o encher de lado,  
E espetar-lhe a careta sobre um mastro.  
Singofredo o feroz exige apenas  
Que o Rei deixando o cetro deste reino  
Seja sempre na corte Rei da Lua.  
Loriolo virá ao seu caminho  
Trajando seu gibão amarelado  
Com remendos de cor, e campainhas,  
Meias roxas e gorro afunilado".

## XVII

Loriolo suspira. O povo espera.  
Pela face do Bobo corre a furto  
Uma lágrima trêmula. — É desgraça  
Tendo subido a Rei, voltar. . .  
Nem ousa  
O nome proferir de sua infâmia.  
De repente uma idéia o ilumina....  
Deu uma das antigas gargalhadas,  
Inda em trajes de rei graceja e pula.  
Foi uma dança cômica, fantástica,  
Um riso que doía—tão gelado  
Coava o coração! . . . Estava doudo. . .  
Dançou a gargalhar. . . caiu exausto,  
Caiu sem movimento sobre o lodo...  
Escutaram-lhe o peito. Estava morto.  
Ora o pirata, o invasor Normando  
Era filho da nossa conhecida,  
Que, posto não pudesse com acerto  
Dizer quem era o pai de seu boemia'  
Afirmava contudo afoutamente

Que, em todo o caso, tinha jus ao trono.  
Reina pela cidade a bebedeira,  
E bebendo à saúde do bastardo  
O Bobo que foi rei ninguém sepulta  
Bem vês, amigo Puff, que neste conto  
Em poucos versos digo histórias longas;  
—Amores, mortes, e no trono um bobo  
E sobre o lodo um rei que não se enterra.  
— Muito embora a mulher as roupas façam,  
Eu provo que o burel não faz o monge,  
E um bobo é sempre um bobo. Mostro ainda  
De meu estro no vário cosmorama  
Um rei que numa pipa o trono perde.  
E um bastardo que o pai dizer não pode  
E em nome de dous pais, ambos em dúvida,  
Vem na sangueira reclamar seu nome.  
Um outro só com isso dera a lume  
Um poema em dez cantos. Sou conciso;  
Não ousou tanto: dou somente idéias,  
Esboço aqui apenas meu enredo.  
Puff! olá, meu Puff! Estás dormindo,  
Prosaico beberrão! Acorda um pouco!  
Bebeu todo o meu vinho—a empada foi-se  
Não resta-me esperança! Este demônio

De um poeta como eu nem vale um murro!

UM HOMEM DA PLATÉIA (interrompendo).

Silêncio! fora a peça! que maçada!  
Até o ponto dorme a sono solto!

## Spleen e Charutos

### I

#### Solidão

Nas nuvens cor de cinza do horizonte  
A lua amarelada a face embuça;  
Parece que tem frio, e no seu leito  
Deitou, para dormir, a carapuça.  
Ergueu-se, vem da noite a vagabunda  
Sem xale, sem camisa e sem mantilha,  
Vem nua e bela procurar amantes;  
É douda por amor da noite a filha.  
As nuvens são uns frades de joelhos,  
Rezam adormecendo no oratório;  
Todos têm o capuz e bons narizes.  
E parecem sonhar o refeitório.  
As árvores prateiam-se na praia,  
Qual de uma fada os mágicos retiros  
O lua, as doces brisas que sussurram

Coam dos lábios teus como suspiros!  
Falando ao coração que nota aérea  
Deste céu, destas águas se desata?  
Canta assim algum gênio adormecido  
Das ondas mortas no lençol de prata?  
Minha alma tenebrosa se entristece,  
É muda como sala mortuária  
Deito-me só e triste, e sem ter fome  
Vejo na mesa a ceia solitária.  
Ó lua, ó lua bela dos amores,  
Se tu és moça e tens um peito amigo,  
Não me deixes assim dormir solteiro,  
À meia-noite vem cear comigo!

## II

### Meu anjo

Meu anjo tem o encanto, a maravilha  
Da espontânea canção dos passarinhos;  
Tem os seios tão alvos, tão macios  
Como o pêlo sedoso dos arminhos.  
Triste de noite na janela a vejo  
E de seus lábios o gemido escuto  
É leve a criatura vaporosa  
Como a frouxa fumaça de um charuto.  
Parece até que sobre a fronte angélica

Um anjo lhe depôs coroa e nimbo...  
Formosa a vejo assim entre meus sonhos  
Mais bela no vapor do meu cachimbo.  
Como o vinho espanhol, um beijo dela  
Entorna ao sangue a luz do paraíso.  
Dá morte num desdém, num beijo vida,  
E celestes desmaios num sorriso!  
Mas quis a minha sina que seu peito  
Não batesse por mim nem um minuto,  
E que ela fosse leviana e bela  
Como a leve fumaça de um charuto!

## III

### Vagabundo

*Eat, drink and love; what can the rest avail us!*  
Byron

Eu durmo e vivo no sol como um cigano,  
Fumando meu cigarro vaporoso,  
Nas noites de verão namoro estrela;

Sou pobre, sou mendigo, e sou ditoso!  
Ando roto, sem bolsos nem dinheiro;  
Mas tenho na viola uma riqueza:  
Canto à lua de noite serenatas,  
E quem vive de amor não tem pobreza.  
Não invejo ninguém, nem ouço a raiva  
Nas cavernas do peito, sufocante,  
Quando à noite na treva em mim se entornam  
Os reflexos do baile fascinante.  
Namoro e sou feliz nos meus amores;  
Sou garboso e rapaz... Uma criada  
Abrasada de amor por um soneto  
Já um beijo me deu subindo a escada...  
Oito dias lá vão que ando cismado  
Na donzela que ali defronte mora.  
Ela ao ver-me sorri tão docemente!  
Desconfio que a moça me namora!..  
Tenho por meu palácio as longas ruas;  
Passeio a gosto e durmo sem temores;  
Quando bebo, sou rei como um poeta,  
E o vinho faz sonhar com os amores.  
O degrau das igrejas é meu trono,  
Minha pátria é o vento que respiro,  
Minha mãe é a lua macilenta,  
E a preguiça a mulher por quem suspiro.

Escrevo na parede as minhas rimas,  
De painéis a carvão adorno a rua;  
Como as aves do céu e as flores puras  
Abro meu peito ao sol e durmo à lua.  
Sinto-me um coração de lazzaroni;  
Sou filho do calor, odeio o frio;  
Não creio no diabo nem nos santos.  
Rezo à Nossa Senhora, e sou vadio!  
Ora, se por aí alguma bela  
Bem doirada e amante da preguiça  
Quiser a nívela mão unir à minha  
Há de achar-me na Sé, domingo, à Missa.

#### IV

#### A Lagartixa

A lagartixa ao sol ardente vive  
E fazendo verão o corpo espicha:  
O clarão de teus olhos me dá vida  
Tu és o sol e eu sou a lagartixa.  
Amo-te como o vinho e como o sono,  
Tu és meu copo e amoroso leite  
Mas teu néctar de amor jamais se esgota,  
Travesseiro não há como teu peito.  
Possa agora viver: para coroas  
Não preciso no prado colher flores;

Engrinaldo melhor a minha fronte  
Nas rosas mais gentis de teus amores.  
Vale todo um harém a minha bela,  
Em fazer-me ditoso ela capricha;  
Vivo ao sol de seus olhos namorados,  
Como ao sol de verão a lagartixa.

## V

### Luar de verão

O que vês, trovador?—Eu vejo a lua  
Que sem lavor a face ali passeia;  
No azul do firmamento inda é mais pálida  
Que em cinzas do fogão uma candeia.  
O que vês, trovador?—No esguio tronco  
Vejo erguer-se o chinó de uma nogueira.  
Além se entorna a luz sobre um rochedo  
Tão liso como um pau-de-cabeleira.  
Nas praias lisas a maré enchente  
S'espraia cintilante d'ardentia

Em vez de aromas as doiradas ondas  
Respiram efluviosa maresia!  
O que vês, trovador?—No céu formoso  
Ao sopro dos favônios feiticeiros  
Eu vejo—e tremo de paixão ao vê-las—  
As nuvens a dormir, como carneiros.  
E vejo além, na sombra do horizonte,  
Como viúva moça envolta em luto,  
Brilhando em nuvem negra estrela viva  
Como na treva a ponta de um charuto.  
Teu romantismo bebo, ó minha lua,  
A teus raios divinos me abandono,  
Torno-me vaporoso, e só de ver-te  
Eu sinto os lábios meus se abrir de sono.

## VI

### O Poeta moribundo

Poetas! amanhã ao meu cadáver  
Minha tripa cortai mais sonora!  
Façam dela uma corda, e cantem nela  
Os amores da vida esperançosa!  
Cantem esse verso que me alentava...  
O aroma dos currais, o bezerrinho,  
As aves que na sombra suspiravam,  
E os sapos que cantavam no caminho!  
Coração, por que tremes? Se esta lira

Nas minhas mãos sem força desafina,  
Enquanto ao cemitério não te levam  
Casa no marimbau a alma divina!  
Eu morro qual nas mãos da cozinheira  
O marreco piando na agonia . . .  
Como o cisne de outrora... que gemendo  
Entre os hinos de amor se enternecia.  
Coração, por que tremes? Vejo a morte  
Ali vem lazarenta e desdentada. ..  
Que noiva! . . E devo então dormir com ela? ..  
Se ela ao menos dormisse mascarada!  
Que ruínas! que amor petrificado!  
Tão antediluviano e gigantesco!  
Ora, façam idéia que ternuras  
Terá essa lagarta posta ao fresco!  
Antes mil vezes que dormir com ela,  
Que dessa fúria o gozo, amor eterno. . .  
Se ali não há também amor de velha,  
Dêem-me as caldeiras do terceiro Inferno!

No inferno estão suavíssimas belezas,  
Cleópatras, Helenas, Eleonoras;  
Lá se namora em boa companhia,  
Não pode haver inferno com Senhoras!  
Se é verdade que os homens gozadores,  
Amigos de no vinho ter consolos,  
Foram com Satanás fazer colônia,  
Antes lá que no Céu sofrer os tolos!—  
Ora! e forcem um'alma qual a minha  
Que no altar sacrifica ao Deus-Preguiça  
A cantar ladainha eternamente  
E por mil anos ajudar a Missa!

**É ela! É ela! É ela! É ela!**

É ela! é ela!—murmurei tremendo,  
E o eco ao longe murmurou—é ela!  
Eu a vi—minha fada aérea e pura—  
A minha lavadeira na janela!  
Dessas águas-furtadas onde eu moro  
Eu a vejo estendendo no telhado  
Os vestidos de chita, as saias brancas;  
Eu a vejo e suspiro enamorado!  
Esta noite eu ousei mais atrevido  
Nas telhas que estalavam nos meus passos  
Ir espiar seu venturoso sono,  
Vê-la mais bela de Morfeu nos braços!  
Como dormia! que profundo sono! . . .  
Tinha na mão o ferro do engomado. . .  
Como roncava maviosa e pura! . . .  
Quase caí na rua desmaiado!  
Afastei a janela, entrei medroso:  
Palpitava-lhe o seio adormecido...

Fui beijá-la . . . roubei do seio dela  
Um bilhete que estava ali metido. . .  
Oh! de certo. . . (pensei) é doce página  
Onde a alma derramou gentis amores;  
São versos dela. . . que amanhã de certo  
Ela me enviará cheios de flores.  
Tremi de febre! Venturosa folha!  
Quem pousasse contigo neste seio!  
Como Otelo beijando a sua esposa,  
Eu beijei-a a tremer de devaneio. . .  
É ela! é ela!—repeti tremendo;  
Mas cantou nesse instante uma coruja...  
Abri cioso a página secreta. . .  
Oh! meu Deus! era um rol de roupa suja!  
Mas se Werther morreu por ver Carlota  
Dando pão com manteiga às criancinhas,  
Se achou-a assim mais bela,—eu mais te adoro  
Sonhando-te a lavar as camisinhas!  
É ela! é ela! meu amor, minh'alma,  
A Laura, a Beatriz que o céu revela. . .  
É ela! é ela!—murmurei tremendo,  
E o eco ao longe suspirou—é ela!

#### Soneto

Um mancebo no jogo se descora,  
Outro bêbado passa noite e dia,

Um tolo pela valsa viveria  
Um passeia a cavalo, outro namora,  
Um outro que uma sina má devora  
Faz das vidas alheias zombaria,  
Outro toma rapé, um outro espia...  
Quantos moços perdidos vejo agora!  
Oh! não proibam pois ao meu retiro  
Do pensamento ao merencório luto  
A fumaça gentil por que suspiro.  
Numa fumaça o canto d'alma escuto. . .  
Um aroma balsâmico respiro,  
Oh! deixai-me fumar o meu charuto!

#### Soneto

Ao sol do meio-dia eu vi dormindo  
Na calçada da rua um marinheiro,  
Roncava a todo o pano o tal brejeiro  
Do vinho nos vapores se expandindo!  
Além um Espanhol eu vi sorrindo  
Saboreando um cigarro feiticeiro,  
Enchia de fumaça o quarto inteiro.

Parecia de gosto se esvaindo!  
Mais longe estava um pobretão careca  
De uma esquina lodosa no retiro  
Enlevado tocando uma rabeça!  
Venturosa indolência! não deliro  
Se morro de preguiça.... o mais é seca!  
Desta vida o que mais vale um suspiro?  
Toda aquela mulher tem a pureza  
Que exala o jasmineiro no perfume,  
Lampeja seu olhar nos olhos negros  
Como em noite d'escuro um vaga-lume.  
Que suave moreno o de seu rosto!  
A alma parece que seu corpo inflama  
Ilude até que sobre os lábios dela  
Na cor vermelha tem errante chama....  
E quem dirá, meu Deus! que a lira d'alma  
Ali não tem um som—nem de falsete!  
E sob a imagem de aparente fogo  
É frio o coração como um sorvete!

### O Cônego Filipe

O cônego Filipe! Ó nome eterno!  
Cinzas ilustres que da terra escura  
Fazeis rir nos ciprestes as corujas!  
Por que tão pobre lira o céu doou-me  
Que não consinta meu inglório gênio  
Em vasto e heróico poema decantar-te?  
Voltemos ao assunto. A minha musa  
Como um falado Imperador Romano  
Distrai-se às vezes apanhando moscas.  
Por estradas mais longas ando sempre.  
Com o cônego ilustre me pareço,  
Quando ele já sentia vir o sono,  
Para poupar caminho até a vela,  
Sobre a vela atirava a carapuça.  
Então no escuro, em camisola branca  
Ia apalpando procurar na sala—  
Para o queijo flamengo da careca  
Dos defluxos guardar—o negro saco.  
À ordem, Musa! Canta agora como  
O poeta Ali-Moon no harém entrando  
Como um poeta que enamora a lua,  
Ou que beija uma estátua de alabastro,  
Suando de calor de sol e amores  
Cantava no alaúde enamorado.  
E como ele saiu-se do namoro.  
Assunto bem moral, digno de prêmio,  
E interessante como um catecismo;  
Que tem ares até de ladainha!  
Quem não sonhou a terra do Levante?  
As noites do Oriente, o mar, as brisas,  
Toda aquela sua natureza

Que amorosa suspira e encanta os olhos?  
Princípio no harém. Não é tão novo.  
Mas esta vida é sempre deleitosa.  
As almas d'homem ao harém se voltam—  
Ser um dia sultão quem não deseja?  
Quem não quisera das sombrias folhas.  
Nas horas do calor, junto do lago  
As odaliscas espreitar no banho  
E mais bela a sultana entre as formosas?  
Mas ah! o plágio nem perdão merece!  
Digam—pega ladrão!—Confesso o crime,  
Não é Ovídio só que imito e sonho  
Quando pinta Acteon fitando os olhos  
Nas formas nuas de Diana virgem!  
Não! embora eu aqui não fale em ninfas,  
Essa idéia é do cônego Filipe!

### Terza rima

E, belo de entre a cinza ver ardendo  
Nas mãos do fumador um bom cigarro,  
Sentir o fumo em névoas recendendo,  
Do cachimbo alemão no louro barro  
Ver a chama vermelha estremeando  
E até perdoem respirar-lhe o sarro!  
Porém o que há mais doce nesta vida,  
O que das mágoas desvanece o luto  
E dá som a uma alma empobrecida,  
Palavra d'honra, és tu, ó meu charuto!

### Namoro a cavalo

Eu moro em Catumbi. Mas a desgraça  
Que rege minha vida malfadada  
Pôs lá no fim da rua do Catete  
A minha Dulcinéia namorada.  
Alugo (três mil réis) por uma tarde  
Um cavalo de trote (que esparrela!)  
Só para erguer meus olhos suspirando  
A minha namorada na janela...  
Todo o meu ordenado vai-se em flores  
E em lindas folhas de papel bordado  
Onde eu escrevo trêmulo, amoroso,  
Algum verso bonito. . . mas furtado.  
Morro pela menina, junto dela  
Nem ousa suspirar de acanhamento. . .  
Se ela quisesse eu acabava a história  
Como toda a comédia—em casamento.  
Ontem tinha chovido. . . que desgraça!  
Eu ia a trote inglês ardendo em chama,

Mas lá vai senão quando uma carroça  
Minhas roupas tafuis encheu de lama...  
Eu não desanimei. Se Dom Quixote  
No Rocinante erguendo a larga espada  
Nunca voltou de medo, eu, mais valente,  
Fui mesmo sujo ver a namorada. . .  
Mas eis que no passar pelo sobrado  
Onde habita nas lojas minha bela  
Por ver-me tão lodoso ela irritada  
Bateu-me sobre as ventas a janela...  
O cavalo ignorante de namoros  
Entre dentes tomou a bofetada,  
Arrepia-se, pula, e dá-me um tombo

Com pernas para o ar, sobre a calçada. ..  
Dei ao diabo os namoros. Escovado  
Meu chapéu que sofrera no pagode  
Dei de pernas corrido e cabisbaixo  
E berrando de raiva como um bode.  
Circunstância agravante. A calça inglesa  
Rasgou-se no cair de meio a meio,  
O sangue pelas ventas me corria  
Em paga do amoroso devaneio!

### O Editor

—A poesia transcrita é de Torquato,  
Desse pobre poeta enamorado  
Pelos encantos de Leonora esquiva,  
Copiei-a do próprio manuscrito  
E para prova da verdade pura  
Deste prólogo meu, basta que eu diga  
Que a letra era um garrancho indecifrável,  
Mistura de borrões e linhas tortas.  
Trouxe-me do Arqui. . . lá da lua  
E decifrou-ma familiar demônio,  
Demais—infelizmente é bem verdade  
Que Tasso lastimou-se da penúria  
De não ter um ceutil para a candeia.  
Provo com isso que do mundo todo  
O sol é este Deus indefinível,  
Ouro, prata, papel, ou mesmo cobre,  
Mais santo do que os Papas—o dinheiro!  
Byron no seu Don Juan votou-lhe cantos,  
Filinto Elísio e Tolentino o sonham,  
Foi o Deus de Bocage e d'Aretino,  
Aretino, essa incrível criatura  
Lívica e tenebrosa, impura e bela,  
Sublime e sem pudor, onda de lado,  
Em que do gênio profanou-se a pérola,  
Vaso d'ouro que um óxido terrível  
Envenenou de morte, alma poeta  
Que tudo profanou com as mãos imundas,

E latiu como um cão mordendo um século  
Quem não ama o dinheiro? Não me engano  
Se creio que Satã à noite veio  
Aos ouvidos de Adão adormecido  
Na sua hora primeira, murmurar-lhe  
Essa palavra mágica da vida,  
Que vibra musical em todo o mundo.  
Se houvesse o Deus vintém no Paraíso  
Eva não se tentava pelas frutas,  
Pela rubra maçã não se perdera;  
Preferira de certo o louro amante  
Que tine tão suave e é tão macio!

Se não faltasse o tempo a meus trabalhos  
Eu mostraria quanto o povo mente  
Quando diz—que a poesia enjeita, odeia  
As moedinhas doiradas.—É mentira!  
Desde Homero (que até pedia cobre),  
Virgílio, Horácio, Calderon, Racine,  
Boileau e o fabuleiro Lafontaine  
E tantos que melhor de certo fora  
Dos poetas copiar algum catálogo,  
Todos a mil e mil por ele vivem,  
E alguns chegaram a morrer por ele!  
Eu só peço licença de fazer-vos  
Uma simples pergunta. Na gaveta  
Se Camões visse o brilho do dinheiro—  
Malfilâtre, Gilbert, o altivo Chatterton  
Se o tivessem nas rotas algibeiras  
Acaso blasfemando morreriam?

### Dinheiro

*Oh! argent! Avec toi on est beau, jeune,  
adoré; on a consideration, honneur,  
qualités, vertus. Quand on n'a point d'argent,  
on est dans la dépendance de toutes ces  
choses et de tout le monde.*  
Chateaubriand

Sem ele não há cova—quem enterra  
Assim gratis a Deo? O batizado  
Também custa dinheiro. Quem namora  
Sem pagar as pratinhas ao Mercúrio?  
Demais, as Dánaes também o adoram.  
Quem imprime seus versos, quem passeia,  
Quem sobe a Deputado, até Ministro,  
Quem é mesmo Eleitor, embora sábio,  
Embora gênio, talentosa frente, Alma  
Romana, se não tem dinheiro?  
Fora a canalha de vazios bolsos!  
O mundo é para todos.... Certamente,  
Assim o disse Deus—mas esse texto

Explica-se melhor e doutro modo.  
Houve um erro de imprensa no Evangelho:  
O mundo é um festim—concordo nisso,  
Mas não entra ninguém sem ter as louras.

### Minha desgraça

Minha desgraça não é ser poeta,  
Nem na terra de amor não ter um eco,

E meu anjo de Deus, o meu planeta  
Tratar-me como trata-se um boneco....  
Não é andar de cotovelos rotos,  
Ter duro como pedra o travesseiro. . .  
Eu sei . O mundo é um lodaçal perdido  
Cujo sol (quem mo dera!) é o dinheiro. . .  
Minha desgraça, ó cândida donzela  
O que faz que o meu peito assim blasfema,  
É ter para escrever todo um poema,  
E não ter um vintém para uma vela.

### Glória Moribunda

*Une fille de joie attendait sur la borne.*  
Théoph Gautier

### I

É uma visão medonha uma caveira?  
Não tremas de pavor, ergue-a do lodo.  
Foi a cabeça ardente de um poeta,  
Outrora à sombra dos cabelos loiros,  
Quando o reflexo do viver feroso  
Ali dentro animava o pensamento,  
Esta fronte era bela. Aqui nas faces  
Formosa palidez cobria o rosto...  
Nessas órbitas—ocas, denegridas! —  
Como era puro seu olhar sombrio!  
Agora tudo é cinza. Resta apenas  
A caveira que a alma em si guardava,  
Como a concha no mar encerra a pérola,  
Como a caçoula a mirra incandescente.  
Tu outrora talvez desses-lhe um beijo;  
Por que repugnas levantá-la agora?  
Olha-a comigo! Que espaçosa fronte!  
Quanta vida ali dentro fermentava,  
Como a seiva nos ramos do arvoredo!  
E a sede em fogo das idéias vivas  
Onde está? onde foi? Essa alma errante  
Que um dia no viver passou cantando,

Como canta na treva um vagabundo,  
Perdeu-se acaso no sombrio vento,  
Como noturna lâmpada, apagou-se?  
E a centelha da vida, o eletrismo  
Que as fibras tremulantes agitava  
Morreu para animar futuras vidas?  
Sorris? eu sou um louco. As utopias,  
Os sonhos da ciência nada valem,  
A vida é um escárnio sem sentido,  
Comédia infame que ensangüenta o lodo.  
Há talvez um segredo que ela esconde  
Mas esse a morte o sabe e o não revela,  
Os túmulos são mudos como o vácuo.  
Desde a primeira dor sobre um cadáver,  
Quando a primeira mãe entre soluços  
Do filho morto os membros apertava  
Ao ofegante seio, o peito humano  
Caiu tremendo interrogando o túmulo  
E a terra sepulcral não respondia.  
Levanta-me do chão essa caveira!  
Vou cantar-te uma página da vida

De uma alma que penou, e já descansa.

## II

—Por quem esperas trêmula a desoras,  
Mulher da noite, na deserta rua?  
A miséria venceu os teus orgulhos,  
E vens na treva contratar teu leito?  
Vem pois. És bela. Tens no rosto frio  
A imagem das Madonas descoradas.  
Vagabunda de amor, és bela e pálida.  
Será doce em teu seio de morena  
Um momento sentir os meus suspiros  
Estuantes nos lábios doloridos.  
Se inda podes amar, ergue-te ainda,  
Une teu peito ao meu, pálida sombra!—

## III

Era uma frente olímpica e sombria,  
Nua ao vento da noite que agitava  
As loiras ondas do cabelo solto;  
Cabeça de poeta e libertino  
Que fogo incerto de embriaguez corava.  
Na frente a palidez, no olhar aceso  
O lume errante de uma febre insana.

#### IV

—Mancebo, quem és tu?

—Que importa o nome?

Um poeta de santas harmonias  
Que a Musa obscena do bordel profana.  
Na aparição balsâmica dos anjos  
Porventura enlevei a mocidade.  
Das virgens no cheiroso travesseiro  
Porventura dormi... Meu Deus! que sonhos!  
Em seios que a inocência adormecia  
Repousei minha fronte embevecida.  
Amei, mulher! amei!  
Que sede intensa!  
Secou-se-me a torrente do deserto  
Que as folhas de frescura borrifava.  
Tudo! tudo passou... Amei... Embora!  
Quero agora dormir nos teus joelhos.  
Nessa esponja da vida inda uma gota  
Talvez reste a meus lábios anelantes  
Que me dê um assomo de ventura  
E um leito onde morrer amando ainda,  
E que vida, mulher! que dor profunda,  
Faminta como um verme aqui no peito!  
Murcha desfaleceu a flor da vida  
E cedo morrerá. . . E vós, meus anjos,

Ó Virgem Santa, que eu amei, na lira  
A quem votei meu canto delirioso;  
Amantes que eu sonhei, que eu amaria Com todo o fogo juvenil que ainda  
Me abraça o coração, por que fugistes,  
Branças sombras, do céu das esperanças?  
Oh! riamos da vida! tudo mente!  
Os meus versos gotejam de ironias!  
Esse mundo sem fé merece prantos?  
À orgia! na saturnal entre a loucura  
Derrama o vinho sono e esquecimento  
Vinde, belezas que a volúpia inflama!  
Bebamos juntos... Cantarei de novo!  
A minha alma nas asas do improvisado,  
Como as aves do céu, voe cantando. . .  
Todos caíram ébrios?... só eu resto?  
Embora! em minha mão a lira pulsa,  
Meu peito bate, a inspiração agora  
Cânticos imortais ao lábio inspira.  
Voai ao céu—não morrereis, meus cantos!

#### V

A glória! a glória! meu amor foi ela,  
Foi meu Deus, o meu sangue... até meu gênio. . .

E agora!... Além os sonhos dessa vida!  
Quando eu morrer, meus versos incendeiem!  
Apague-se meu nome—e ao cadáver  
Nem lágrimas, nem cruz o mundo vote  
Sou um ímpio (disseram-no!) pois deixem-me  
Descansar no sepulcro!  
Por que choras,  
Descorada mulher? Sabes acaso  
Quem é o triste, o malfadado obscuro  
Que delira e desvaira aqui na treva  
E tuas mãos aperta convulsivo?  
Eu não te posso amar. Meu peito morto  
É como a rocha que o oceano bate  
E branqueia de escuma—ali não pode  
Medrar a flor cheirosa dos enlevos...  
Teu amor... Eu descri até dos sonhos....  
Demais dentro em tua alma eu vejo trevas,  
Uma estrela de Deus não a ilumina.  
Quem pudera nas ondas do passado,  
Ditoso pescador, erguer no lodo  
O ramo de coral de teus amores?

## VI

Amei! amei! no sonho, nas vigílias  
Esse nome gemi que eu adorava!  
Votei amor a tudo quanto é belo!  
Escuta A rua é queda. A noite escura

É negra como um túmulo. Durmamos  
No leito dos amores do perdido.  
Vês? nem lua no céu! tudo é medonho!  
Nem estrela de luz . —Silêncio! Embora!  
Escuta, anjo da noite! no meu peito  
Não ouves palpitar o som da vida?  
Deixa encostar meus lábios incendiados  
No teu seio que bate. Vem, meu anjo!  
A alma da formosura é sempre virgem!  
Minha virgem—irmã—meu Deus! Contigo  
Oh! deixa-me viver! Eu sinto bela  
A tua alma acordando refletir-se  
Nesses olhos tão negros d'Espanhola.  
Quero amar e viver—sonhar—em fogo  
Meus frouxos dias exaurir num beijo,  
Derramar a teus pés os meus amores,  
Minhas santas canções a ti erguê-las,  
A ti, e só a ti!—

## VII

—Que tens? desmaias?  
Que tens, mancebo?  
—Nada. É cedo ainda.  
Não é ela ainda não. Chamei por ela. . .  
Foi em vão. . . delirei. . .  
—Por quem?  
—A morte.  
—Morrer! pobre de ti, ó meu poeta!  
—Se a morte é sofrimento, eu sofro tanto,  
Que a mudança do mal será consolo;  
Se a morte é sono, meu cansado corpo  
No descanso eternal deixai que durma.  
—Eu também sofro. . . mas a morte assusta.  
Eu mísera mulher nas amarguras  
Descorei e perdi a formosura.  
No amor impuro profanei minha'alma. . .  
E nesta vida não amei contudo!  
Não sou a virgem melindrosa e casta  
Que nos sonhos da infância os anjos beijam  
E entre as rosas da noite adormecera  
Tão pura como a noite e como as flores;  
Mas na minha'alma dorme amor ainda.  
Levanta-me, poeta, dos abismos  
Até ao puro sol do amor dos anjos!  
Ó minha vida, minha vida pura,  
Por que foram tão breves da inocência  
Das crenças virginais os belos dias?  
Chamei por Deus em vão. Sobre meu leito  
Em vez do anjo do céu senti gelada  
Sombra desconhecida vir sentar-se  
Em beijos frios roxear meus lábios,

Em abraços de morte unir-me ao seio.  
Douda! chamei por Deus! a meu reclamo  
Veio o torvo Satã... Oh! não maldigas  
A mísera que os seios inocentes  
Entregou sem pudor a mãos impuras:  
Eram taças de Deus... eu bem sabia!  
Mas todo o pesadelo do passado  
Foi uma horrenda sina... tudo aquilo  
Escrevera Satã

## VIII

—Fatalidade!  
É pois a voz unânime dos mundos.  
Das longas gerações que se agonizam  
Que sobe aos pés do Eterno como incenso?  
Serás tu como os bonzos te fingiram?  
Sublime Criador, por que enjeitaste  
A pobre criação? Por que a fizeste  
Da argila mais impura e negro lado,  
E a lançaste nas trevas errabunda

Co'a palidez na frente como anátema,  
Qual lança a borboleta a asas d'ouro  
No pântano e no sangue?  
Tudo é sina:  
O crime é um destino—o gênio, a glória  
São palavras mentidas—a virtude  
É a máscara vil que o vício cobre.  
O egoísmo! eis a voz da humanidade.  
Foste sublime, Criador dos mundos!

## IX

Tudo morre, meu Deus! No mundo exausto  
Bastardas gerações vagam descritas.  
E a arte se vendeu, essa arte santa  
Que orava de joelhos e vertia  
O seu raio de luz e amor no povo,  
E o gênio soluçando e moribundo  
Olvidou-se da vida e do futuro  
E blasfema lutando na agonia.  
Agonia de morte! Só em torno  
No leito do morrer as almas gemem.  
E o fantasma da morte gela tudo.  
Por que um ardente amor não mais suspira  
Notas do coração pelo silêncio  
Da noite enamorada? A chama pura  
Por que das almas se apagou nas cinzas  
E a lira do poeta. se murmura  
As ilusões de um mundo visionário,  
Por que estala tão cedo? Vagabundo  
Adormeci das árvores na sombra  
E nos campos em flor errei sonhando,  
Coroando-me dos lírios da alvorada.  
Arvore prateada da esperança.

Sombra das ilusões, ó vida bela  
E sempre bela, e no morrer ainda,  
Por que pousei a frente sobre a relva  
A sombra vossa, delirante um dia?  
Oh! que morro também! na noite d'alma  
Sinto-o no peito que um ardor consome,  
No meu gênio que apaga nas orgias,  
Que foge o mundo, e o sepulcro teme . .  
Exilei-me dos homens blasfemando,  
Concentrei-me no fundo desespero,  
E exausto de esperança e zombarias  
Como um corpo no túmulo lancei-me,  
Suicida da fé, no vício impuro.

## X

E o mundo? não me entende. Para as turbas  
Eu sou um doudo que se aponta ao dedo.  
A glória é essa. P'ra viver um dia  
Troquei o manto de cantor divino  
Pelos roupas do insano.—Os sons profundos  
Ninguém os aplaudia sobre a terra.  
Para um pouco de pão ganhar da turba,  
Como teu corpo no bordel profanas.  
—Fiz mais ainda! prostituí meu gênio.  
Oh! ditoso Filinto! ele sim pôde  
Na miséria guardar seu gênio puro!  
Nunca infame beijou a mão dos grandes!  
Morreu como Camões, morreu sem nódoa!  
Mas eu! A voz do vício arrebatou-me,  
Fascinou-me da infâmia o revérbero .  
Maldições sobre mim! Abre-te, ó campá!  
Ali obscuro dormirei na treva

## XI

O santa inspiração! fada noturna,  
Por que a fronte não beijas do poeta?  
Por que não lhe descansas nos cabelos  
A coroa dos sonhos, e rebentam-lhe  
Entre as lívidas mãos uma por uma  
As cordas do alaúde no vibrá-las?  
Ó santa inspiração! por que nas sombras  
Não escuta o poeta à meia-noite  
Os sons perdidos da harmonia santa  
Que o pobre coração de amor lhe enchiam?  
Eu fui à noite da taverna à mesa  
Bater meu copo à taça do bandido.  
Na louca saturnal beber com ele,  
Ouvir-lhe os cantos da sangrenta vida  
E as lendas de punhal e morticínio.  
De vinho e febre pálido, deitei-me  
Sobre o leito venal de uma perdida. . .  
Comprimi-a no meu exausto peito.

Falei-lhe em meu amor, contei-lhe sonhos,  
Do meu passado a dor, as glórias murchas  
E os longos beijos da primeira amante...  
Amor! amor! meu sonho de mancebo!  
Minha sede! meu canto de saudade!  
Amor! Meu coração, lábios e vida  
A ti, sol do viver, erguem-se ainda,  
E a ti, sol do viver, erguem-se embalde!  
Ouvi, ouvi no leito da miséria  
A pálida mulher junto a meu peito  
Contar-me seus amores que passaram,  
Falar-me de purezas, d'esperanças....  
E soluçava a triste, e ardentes longas,

As lágrimas em fio deslizando  
Eu vi caindo sobre o seio dela. . .  
Oh! suas emoções, úmidos beijos,  
Dos seios o tremor, aqueles prantos,  
E os ofegantes ais eram mentira!

## XII

Ah! vem, alma sombria que pranteias.  
Por quem choras? Por mim?  
Em vez de prantos  
Deixa-me suspirar a teus joelhos.  
Tu sim és pura. Os anjos da inocência  
Poderiam amar sobre teu seio.  
Aperta minha mão! Senta-te um pouco  
Bem unida a minha alma em meus joelhos,  
Assim parece que um abraço aperta  
Nossas almas que sofrem. Revivamos!  
O passado é um sonho—o mundo é largo,  
Fugiremos à pátria. Iremos longe  
Habitar num deserto. No meu peito  
Eu tenho amores para encher de encantos  
Uma alma de mulher Por que sorriste?  
Sou um louco. Maldita a folha negra  
Em que Deus escreveu a minha sina .  
Maldita minha mãe, que entre os joelhos  
Não soubeste apertar, quando eu nascia,  
O meu corpo infantil! Maldita!

## XIII

Escuta:  
Sinto uma voz no peito que suspira.  
É a alma do poeta que desperta  
E canta como as aves acordando  
Oh! cantemos! até que a morte fria  
Gele nos lábios meus o último canto!  
Um cântico de amor, ó minha lira!  
Anália! Armia! aparições formosas!

Eu amei sobre a terra as vossas sombras,  
O ideal que vos anima e eu buscava,  
Vive apenas no céu! vou entre os anjos,  
Entre os braços da morte amar com eles!—

## XIV

O poeta a tremer caiu no lodo.  
A perda tomou-lhe a fronte branca,  
Pô-la ao colo—era lívida—inda o fogo  
Lá dentro vacilava agonizando,  
Como flutua a claridão da lâmpada  
Apagando-se ao vento.  
E quando a aurora  
Nos céus de nácar acordava o dia,  
E nas nuvens azuis o sol purpúreo  
Se embalava no eflúvio de ventura  
Das flores que se abriam, dos perfumes,  
Da brisa morna que tremia as folhas,  
Macilenta a mulher no chão da rua  
Sentada, a fronte curva sobre os seios  
Embalava cantando aquele morto.  
Na manta o encobriu. Medrosa a furto  
A infeliz o beijou—o pobre amante  
Que uma só noite pernoitou com ela  
Para aos pés lhe morrer—e sem ao menos  
Nas faces dela estremecer um beijo.  
Alguém que ali passou, vendo-a tão pálida  
Sentada sobre a laje, e tão ardente,  
Chegou ao pé—ergueu ao malfadado  
A manta.  
Como súbito acordando  
Disse a moça a tremer:  
—Deixa-o agora.  
Ele penou de febre toda a noite,  
Deitou-se descansando sobre o leito...  
Oh! deixa-o dormir.  
—Mulher no peito  
Sabes quem te dormiu?  
—"Que importa o nome?"  
Assim falava-me...  
—Ai de ti, misérrima!  
Um poeta morreu. Fronte divina,  
Alma cheia de sol, fronte sublime  
Que de um anjo devera no regaço  
Amorosa viver. . . Morreu Bocage!

### **O Poema do Frade (Fragmentos interligados)**

Meu herói é um moço preguiçoso  
Que viveu e bebia porventura  
Como vós, meu leitor... se era formoso  
Ao certo não o sei. Em mesa impura  
Esgotara com lábio fervoroso  
Como vós e como eu a taça escura.  
Era pálido sim. . . mas não d'estudo:  
No mais . . . era um devasso e disse tudo!  
Dizer que era poeta—é cousa velha!  
No século da luz assim é todo

O que herói de novelas assemelha.  
Vemos agora a poesia a rodo!  
Nem há nos botequins face vermelha,  
Amarelo caixeiro, alma de lado,  
Nem Bocage d'esquina, vate imundo,  
Que não se creia um Dante vagabundo!  
O meu não era assim: não se imprimia,  
Nem versos no teatro declamava!  
Só quando o fogo do licor corria  
Da frente no palor que avermelhava,  
Com as convulsas mãos a taça enchia.  
Então a inspiração lhe afervorava  
E do vinho no! eflúvio e nos ressábios  
Vinha o fogo do gênio à flor dos lábios!  
Se era nobre ou plebeu, ou rico ou pobre  
Não vos direi também: que importa o manto  
Se é belo o cavaleiro que ele cobre?  
E que importa o passado, um nome santo  
De pútridos avós? plebeu ou nobre  
Somente a raiva lhe acordava o pranto.  
Embuçada no orgulho a frente erguia  
E do povo e dos reis escarnecia!  
Não se lançara nas plebéias lutas,  
Nem nas falanges do passado herdeiras,  
No turbilhão das multidões hirsutas,  
Não se enlaivou da pátria nas sangueiras,  
Nem da praça no pó das vis disputas!  
Sonhava sim em tradições guerreiras,  
Nos cânticos de bardo sublimado...  
Mas nas épicas sombras do passado.  
O presente julgava um mar de lama  
Onde vis ambições se debatiam,  
Ruína imunda que lambera a chama,  
Cadáver que aves fétidas roíam!  
Tudo sentiu venal! e ingrata a fama!  
Como torrentes trépidas corriam  
As glórias, tradições, coroas soltas

De um mar de infâmias às marés revoltas!  
Não quisera mirar a face bela  
Nesse espelho de lodo ensangüentado!  
A embriaguez preferia: em meio dela  
Não viriam cuspir-lhe o seu passado!  
Como em nevoento mar perdida vela  
Nos vapores do vinho assombreado  
Preferia das noites na demência  
Boiar (como um cadáver!) na existência!  
Uma vez o escutei: todos dormiam—  
Junto à mesa deserta e quase escura:  
Lembranças do passado lhe volviavam;  
Não podia dormir! Na festa impura  
Fora afogar escárnios que doíam. . .  
Não o pode: dos lábios na amargura  
Ouvi-lhe um murmurar. . . Eram sentidas  
Agonias das noites consumidas!  
Olvidei a canção: só lembro dela

Que d'alma a languidez a estremecia:  
Como um anjo num sonho de donzela  
Sobre o peito a guitarra lhe gemia!  
E quando à frouxa lua, da janela,  
Cheia a face de lágrimas erguia,  
Como as brisas do amor lhe palpitavam  
Os lábios no palor que bafejavam!  
Amar, beber, dormir, eis o que amava:  
Perfumava de amor a vida inteira,  
Como o cantor de Don Juan pensava  
Que é da vida o melhor a bebedeira. . .  
E a sua filosofia executava. . .  
Como Alfred Musset, a tanta asneira  
Acrescento porém. . . juro o que digo!  
Não se parece Jônatas comigo.  
Prometi um poema, e nesse dia  
Em que a tanto obriguei a minha idéia  
Não prometi por certo a biografia  
Do sublime cantor desta Epopéia.  
Consagro a outro fim minha harmonia  
Por favor cantarei nesta Odisséia  
De Jônatas a glória não sabida  
Mas não quero contar a minha vida.  
Basta! foi longo o prólogo confesso!  
Mas é preciso à casa uma fachada,  
A frente da mulher um adereço,  
No muro um lampião à torta escada!  
E agora desse canto me despeço  
Com a face de lágrimas banhada,  
Qual o moço Don Juan no enjôo rola  
Chorando sobre a carta da Espanhola. I

Mas eu sei: que senti o amor ardente  
Convulsivo bater num peito exausto!  
Sei: que senti a lágrima tremente  
Como na insana palidez o Fausto!  
Quando o sono fugia às noites minhas  
Como às nuvens do inverno as andorinhas.  
Bebi-a essa tristeza, essa doença  
Que nos escalda lágrimas sombrias,  
Que nos revolve sós na vaga imensa  
Do Oceano das internas agonias!  
Que empalidece a face e morte lenta  
Nos estampa na fronte macilenta.  
Ah! virgem das canções, entre vapores  
És pura e bela sim, porém teus lábios  
Me fazem delirar como licores  
Que afervoram-nos tépidos ressábios!  
Quando em teu colo vou deitar-me agora  
Teu palpitar as faces me descora!  
E cedo morrerei: sinto-o, nas veias  
O meu sangue se escoo vagaroso  
Como um rio que seca nas areias,  
Como donzela, que desmaia em gozo!  
Teus lábios, fada minha, me queimaram,  
E as lânguidas artérias me esgotaram!

Mas que importa nas sombras da existência  
Se mentiu-me o sonhar quando eu sentia  
Um dos pálidos anjos de inocência  
Pousar-me a face ao peito que gemia,  
Se num sonho de amor, em noite bela  
Nos suspiros do mar amei com ela!  
Era uma lua pálida e sombria  
Que seu leito nas ondas embalava  
Na mão de neve a face lhe pendia;  
E nos sonhos a virgem se enlevava!  
E, que estrelas no céu! e que ardentia!  
Que perfume seu véu estremecia!  
E que sonhos, meu Deus! e que ventura!  
E que vento de amores palpitava  
Na escuma do batel a vaga pura  
E lascivos suspiros lhe arrulhava! . . .  
E em torno mar e céu—a noite bela,  
Nos meus braços a inânida donzela!  
Ah! virgem das canções, aos brancos lírios  
Por que tão cedo me chover na infância  
O mágico sereno dos delírios  
Que adormece, embalsama na fragrância?  
E do amor entre os lânguidos conselhos  
Minha fronte embalar nos teus joelhos?

Por que tão cedo o vinho da harmonia  
Nos beijos infantis correu-me aos sonhos,  
Entornou-me essa nuvem que inebria,  
Que gela o riso aos lábios meus risonhos?  
Tão quedo o sono meu, por que turvá-lo,  
E de ilusões esplêndidas povoá-lo?  
E tão cedo! por que encher meu leito  
Destas sombras suaves, delirantes?  
E na harpa adormecida de meu peito  
Suspirarem-me sons tão ofegantes?  
E por que não deixar o meu sentir  
Da infância d'ouro nos frouxéis dormir?  
E assim eu morrerei: co'a sede ainda  
Amargosa no lábio ressecado!  
Cansando os olhos na extensão infinda,  
Perguntando se a crença do passado  
Também verei no lodo revolvida. . .  
E como tu sufocarei a vida!...  
É sombrio, confesso-vos, meu canto:  
E obscuro demais, o que é defeito!  
Mas é um sonho apenas que recanto,  
Que em noite longa me gelou no leito—  
Sonho de febre, insano pesadelo  
Que à frente me deixou pálido selo!  
Não teve o Dante mágoa mais profunda  
Quando na sombra ergueu o condenado,  
De um crânio carcomido a boca imunda  
E enxugou-a em cabelo ensangüentado:  
E contou sua lívida vingança  
Na mansão da eternal desesperança!  
Nem mais estremeceu quando o passado

Do túmulo na sânie revivia. . .  
Quando o velho rugindo sufocado  
De fome e raiva ainda se torcia. . .  
Como quando as crianças se mordiam,  
E ardentes, moribundas, pão! pediam!  
Quando contou as noites regeladas  
E o ar da podridão. . . e a fome impura  
Saciando nas carnes desnervadas  
De seus filhos. . . de sua criatura!  
Como a pantera emagrecida come  
Os filhos mortos p'ra cevar a fome!  
Acordei ao tremer de calafrios  
Com o peito de mágoas transbordando;  
Enxuguei com a mão suores frios  
Que sentia na face porejando!  
E um dia o pesadelo que eu sentira  
Mesclou-se aos moles sons de minha lira.

Mesclou-se como ao vinho um ditirambo,  
Ao farfalhar de Pança 3 um velho adágio,  
Às alvas flores se mistura o jambo  
E um ósculo de amor em um naufrágio.  
—Creio que vou dizer alguma asneira. . .  
Como o nome de Deus à bebedeira!  
Escrevi o meu sonho. Nas estâncias  
Há lágrimas e beijos e ironias,  
Como de noite muda nas fragrâncias  
Perde-se um ai de ignotas agonias!  
Tudo é assim—no sonho o pesadelo,  
—Em almas de Madona quanto gelo!  
É assim o viver. Por noite bela  
Não durmas ao relento na janela  
Contemplando o luar e o mar dormente.  
Poderá apanha-te de repente  
Fria constipação, febre amarela,  
Ou alguma prosaica dor num dente!  
Vai, c'oa mão sobre o peito macilento  
Curvado como um velho peregrino,  
Vai, tu que sofres, implorar—sedento  
Um remédio de amor a teu destino!. . .  
Um doutor sanará o teu tormento  
Com três xícaras d'óleo de rícino  
Eu vi, eu vi um tipo de Madona  
Que os ares perfumava de beleza:  
Que suave mulher! ah! não ressona  
Uma virgem de Deus com tal pureza!  
Era um lago a dormir... na flor sereno!  
Porém sua água azul tinha veneno!  
E agora—boa-noite! eu me despeço  
Desta vez para sempre do poema:  
Como soberbo sou, perdões não peço.  
Mas como sou chorão, deixai que gema,  
Que dê largas a est'alma intumescida  
Na dor de tão solene despedida!  
Que prantos! que suspiros sufocados!  
Se eu gostasse dos versos eloqüentes,

Como eu descreveria bem rimados  
Do meu peito os anélitos frementes!  
Porém nos seios eu sufoco tudo,  
Porque da mágoa o serafim é mudo.  
Silêncio, coração que a dor inflama!  
Além do escárnio, sons! quero o meu leito  
Das lágrimas banhar que a dor derrama!  
Quero chorar! quero chorar! meu peito!  
Dizer adeus ao sonho que eu sentira,  
Sem profanar as ilusões na lira!

Eu não as profanei! guardo-as sentidas  
Nas longas noites do cismar aéreo,  
Guardo-as na esperança, nas doridas  
Horas que amor perfuma de mistério!  
Sem remorso, nem dor, aos sonhos meus  
Eu posso ainda murmurar—adeus!!  
Ah! que na lira se arrebente a corda  
Quando profana mão os sons lhe acorda!  
E o pobre sonhador a fantasia,  
O sonho que ama e beija noite e dia  
Não saiba traduzir, quando transborda  
Seu peito dos alentos da harmonia!  
Que não possa gemer a voz saudosa  
Como o sopro dos ventos avendidos,  
Como a noite que exala-se amorosa!  
Como o gemer dos ramos dobradiços!  
Para exprimir os pensamentos meus  
Nos cantos melancólicos do adeus!  
Adeus! . . . é renunciar numa agonia  
A esperança que ainda nos palpita;  
Sentir que os olhos cegam-se, que esfria  
O coração na lágrima maldita!  
Que inteiriçam as mãos, e a alma aflita  
Como Ágar no deserto ora sombria!  
Sentir que tudo em nós se gela e chora,  
E o coração de lágrimas se vela!  
E a natureza além revive agora,  
E a existência por viver, mais bela  
Novas delícias, novo amor revela  
Do luzente porvir na roxa aurora!  
Sentir que se era poeta... à brisa errante  
Bebendo eflúvio que ninguém respira,  
Presentindo à donzela palpitante  
Os enlevos, os ais, e o sonho amante  
Que nos beija no berço sussurrante,  
E o perfume que a música transpira!  
Adeus! é uma gota de mistério  
Que Deus nos orvalhou como sereno!  
É a dor volutuosa—o bafo aéreo  
Que derrama perfumes e veneno!  
E a cisma que rola, que resvala,  
Que os pensamentos no desejo embala!  
Saibo do céu que aviva na lembrança  
Que é um filho de Deus o moribundo  
A quem se fana a tímida esperança!

Que é dos anjos irmão e que é no fundo  
Do Oceano do viver, que o vagabundo  
A pérola do amor talvez alcança.

E as crenças sentir uma por uma  
Que se adormecem e o batel da vida  
No Oceano escuro cobre-se d'escuma  
E se afunda no mar e dolorida  
A alma do marinheiro empalecida  
Ao arrebol da morte se perfuma!  
Adeus! tudo que amei! o vento frio  
Sobre as ondas revoltas me arrebatou,  
Além a terra perde-se o navio  
Trilha nos mares sobre um chão de prata!  
Adeus! tudo que amei, que me retrata  
Inda a saudade ao terno desvario!  
Meu céu! minhas montanhas verdejantes!  
Cetim azul da lânguida baía!  
Manhas cheias de brisas sussurrantes,  
Noites cheias de estrelas e ardência!  
Oh! noite de luar! oh! melodias  
Que nas folhas gemeis,; ventos errantes!  
Vales cheirosos onde a infância minha  
Virgem peregrinou entre mil sonhos!  
Noites, luas, estrelas da noitinha  
Que os lábios entrebristes-me risonhos,  
E orvalháveis de morno sentimento  
A aberta flor do coração sedento!  
Silêncio que eu amei, que eu procurava  
Na varanda romântica e sombria,  
Sorvendo dentro em mim ar que sentia  
Na fresca viração que se acordava!  
Suspirando a cismar nessa atonia  
Que de amor minhas pálpebras banhava!  
Sobre as colunas o luar batendo  
E nas palmeiras úmidas tremendo  
Filtrava-me sossego, e o mole engano  
Em que se abisma o pensamento insano,  
Que empalece da noite os sons bebendo  
E harmonias escuta no Oceano!  
E vós, águas do mar, que me embalava  
Ao som dos remos da gentil falua!  
Onde a fronte de escumas se banhava,  
E à morta luz da vagabunda lua  
Cismava como a nuvem que flutua  
Do escravo à nênia estranha que soava!  
Oh! minha terra! oh! tarde recendente  
Que embalsamando vens com teus cabelos  
Derramados à luz! O sol ardente  
Como os lábios do amor! luares belos  
Como das flores de laranja o cheiro  
Que perfumam da noiva o travesseiro!

E adeus, vós que eu amei, que inda sentidas  
As ilusões me acordam na tristeza!  
Que inda choro nas minhas despedidas!

Belas dos sonhos! anjos de beleza!  
Morenas a quem banha a morbidez!  
Como as rosas da noiva empaltecidas  
Ai todos vos sonhei cândidos seios  
Onde amor pranteava delirante!  
Onde gemera em derretido enleio  
Como em seios de mãe sedento infante!  
Águas místicas aonde estrelas santas  
Deixaram trilhos das argêntas plantas!  
Como o triste Alcion vagueia errante  
Nas frias primaveras do Oceano  
E ama as alvas, a noite sussurrante,  
Tardes, ondas e sol e leviano  
Na leviana afeição embriaga insano  
A existência nos seios o inconstante!  
Eu todos vos amei! cri no mistério  
Que o libertino Don Juan levava,  
Nas noites profanadas do adultério,  
Quando a alma sedenta evaporava!  
E a vida como um alaúde aéreo  
A todos os alentos entregava!  
Terra do amor! ó minha mãe! na vida  
Se o fado me levar em mágoa lenta—  
Sempre nesta saudade esmorecida  
Que de tristes lembranças se alimenta!—  
Na morte a minha fronte macilenta,  
Inda a ti volverei qual flor à vida!  
Viverei do que foi—dos sonhos meus!—  
Da seiva do passado hei de essa flor  
Regar das quentes lágrimas do amor!  
E quando a luz apague-se nos céus  
E o frio coração à dor sucumba  
Inda murmurarei—adeus!—da tumba,

**O Poema de um louco  
(Fragmento de "O Conde Lopo")**

*There is something which I dread It is a dark, a fearful thing.*

.....

*That thought comes o'er me in the hour Of grief, of sickness, of sadness 'Tis not the dread of death! 'tis more  
—It is the dread of madness.*

Lucretia Davidson

**I**

Foi poeta: cantou, e o estro em fogo  
Crestou-lhe o peito, devorou seus dias  
E a febre ardente desbotou-lhe a fronte  
Em dores sós, em delirar insano.  
Foi poeta: cantou, sonhou: a vida  
Canto e sonhos lhe foi. Amor e glória  
Com asas brancas viu sorrindo em vôos.

Foi-lhe vida sonhar: e ardentes sonhos  
A fronte lhe acenderam, lhe estrelaram  
Mágico da existência o firmamento.  
Cantou, sonhou—amou:: cantos e sonhos  
Em amor converteu-os. De joelhos  
Em fundo enlevo ele esperou baixasse  
Alguma luz do céu, que amor dissesse—  
Anjo ou mulher! embora que ele a amara  
C'o fogo queimador que o consumia  
Com o amor de poeta que o matava!  
Anjo ou mulher—embora! e em longas preces  
Noite e dia o esperou—Miseró! Embalde!  
Sonhou—amou—cantou: em loucos versos  
Evaporou a vida absorta em sonhos—  
E debalde! ninguém chorou-lhe os prantos  
Que sobre as mortas ilusões já findas  
Pálido derramara—  
Amou! E um peito  
Junto ao seu não ouviu bater consoante  
C'os amores do seu! Ninguém amou-o  
E nem as mágoas lhe afogou num beijo! —  
E morreu sem amor.—Bateu-lhe embalde  
O pobre coração em loucas ânsias.  
Passou ignoto, solitário e triste  
Entre os anjos do amor, só viu-lhe risos  
Em braços doutros—e invejosa mágoa  
Essa alheia ventura só lhe trouxe.  
Nunca a mão dele de uma fronte branca  
A alva coroa fez cair da virgem—  
Jovem, solteiro, sem consórcio d'alma

Entre as rosas da vida—mas nenhuma  
Nem deu-lhe um riso—nem do moço pálido  
No imo d'alma guardou uma saudade!  
Mas se à terra saudades não deixara  
Não levou-as também—do peito o orgulho  
Que ninguém quis amar, ninguém amou.  
—Foi-lhe quimera o amor, não mais lembrou-o,  
Tentou-o ao menos. —E que importa um morto?  
— Doido é quem geme em lagrimar estéril—  
Quando o luto findou e alegre o baile  
Corre entre flores no valsar, quem lembra  
O defunto que é podre no jazigo?  
—Morrera-lhe o sonhar—por que chorá-lo?  
E morreu sem amor! E ele contudo  
Tinha no peito tanto amor e vida!  
Alma de sonhos, tão ardentes, cheia!  
E anelante do amor do peito—em outro  
Em horas ternas efundir em beijos!  
E às vezes quando a fronte pela febre  
Pesada e quente sobre as mãos firmava,  
Quando esse delirar febril da insônia  
Em vertigens travava de sua alma,  
Um negro pensamento lhe passava  
Como um fuzil no cérebro fervente,  
E pensava dos loucos no delírio,

Na escura treva da vertigem tonta!  
Temia—a morte não—mas—a loucura.

## Invocação Variações em todas as cordas

### I

Alma de fogo, coração de lavas,  
Misterioso Bretão de ardentes sonhos  
Minha musa serás—poeta altivo  
Das brumas de Albion, fronte acendida  
Em túrbido ferver!—a ti portanto,  
Errante trovador d'alma sombria,  
Do meu poema os delirantes versos!

### II

Foste poeta, Byron! a onda uivando  
Embalou-te o cismar—e ao som dos ventos  
Das selváticas fibras de tua harpa  
Exalou-se o rugir entre lamentos!

### III

De infrene inspiração a voz ardente  
Como o galope do corcel da Ucrânia  
Em corrente febril que alaga o peito  
A quem não rouba o coração—ao ler-te?  
Foste Ariosto no correr dos versos,  
Foste Dante no canto tenebroso,  
Camões no amor e Tasso na doçura,  
Foste poeta, Byron!  
Foi-te a imaginação rápida nuvem  
Que arrasta o vento no rugir medonho—  
Foi-te a alma uma caudal a despenhar-se  
Das rochas negras em mugido imenso.  
Leste no seio, ao coração, o inferno,  
Como teu Manfred desfraldando à noite  
O escurecido véu.—E riste, Byron,  
Que do mundo o fingir merece apenas  
Negro sarcasmo em lábios de poeta.  
Foste poeta, Byron!

## IV

A ti meu canto pois—cantor das mágoas  
De profunda agonia! —a ti meus hinos,  
Poeta da tormenta—alma dormida  
Ao som do uivar das feras do oceano,  
Bardo sublime das Britânicas brumas!

### 1

Foi-te férreo o viver—enigma a todos  
Foi o teu coração!  
Da frente no palor fervente em lavas  
Um gênio ardente e fundo:

O mundo não te amou e riste dele  
—Poeta—o que era-te o mundo?  
Foste, Manfred, sonhar nas serras ermas  
Entre os tufões da noite—  
E em teu Jungfrau—a mão da realidade  
As ilusões quebrou-te!  
Como um gênio perdido—em rochas negras  
Paraste à beira-mar.  
Do escuro céu falando às nuvens—solto  
O negro manto ao ar!  
O mar bramiu-te o hino da borrasca  
E em pé—no peito os braços—  
O riso irônico—vinha o azul relâmpago  
T'esclarecer a espaços.  
A fonte nua o rorejar da noite  
Frio—te umedecia  
E acima o céu—e além o mar te olhava  
C'os olhos da ardentia!

### 2

As volúpias da noite descoraram-te  
A frente enfebrecida  
Em vinho e beijos—afogaste em gozo  
Os teus sonhos da vida.  
E sempre sem amor, vagaste sempre  
Pálido Dom João!  
Sem alma que entendesse a dor que o peito  
Te fizera em vulcão!

### 3

Da absorta mente os sonhos te quebrava  
Do mundo o sussurrar.

E foste livre refazer teu peito  
Ao ar livre do mar.  
E quando o barco d'alta noite aos ventos  
Entre as vagas corria  
E d'astro incerto o alvor te prateava  
A palidez sombria,  
Era-te amor o pleitear das águas  
Nos rochedos cavados—  
E amargo te franzia um rir de gozo  
Os lábios descorados!  
E amaste o vendaval, que as folhas trêmulas  
Das florestas varria—  
E o mar—alto a rugir—que a ouvi-lo, a fronte  
Altiva se te erguia!  
E amaste negro o céu—o mar—a noite  
E entre a noite—o trovão!  
Num crânio zombador brindaste aos mortos.  
Cantor da destruição

4

E um dia as faces desbotou-te a morte

De alvor, frio e letal  
Deram-te em presa aos vermes—Mas que importa  
Se é teu nome imortal?  
Se foste sobranceiro na peleja  
    Como o foras nos cantos—  
Se o grego litoral e o mar que o banha  
Por ti beberam prantos?  
Se do levante as virações correndo  
Nos mares orientais  
Deram-te nênias no sussurro trêmulo,  
Byron, se o nome teu lembra um espírito  
Das glórias decaído  
E fez-te o coração os teus poemas  
De coração perdido,  
Se co'a dor de teus hinos simpatizam  
Duma alma os turvos imos  
E o teu sarcasmo queimador consola  
E contigo sorrimos?

5

Vem, pois, poeta amargo da descrença  
    Meu Lara vagabundo—  
E co'a taça na mão e o fel nos lábios  
Zombaremos do mundo!

## (Fragmentos em ritmo de poesia em prosa)

### I

Era em Veneza. O sol descaía, no manto rubro do crepúsculo, como um rajá da Índia fulgente de jóias nos estofos de damasco do seu divã—e o mar ao longe cintilava numa esteira de rubis e lantejoulas como o fagulhar da queimada a estorcer-se pelos verdumes crepitantes da montanha.

E o céu sorria vermelho como os lábios de uma rosa aberta, e as nuvens passavam lentas como galeotas desertas nas praias de Stambul a Soberana, e as brisas roçavam pelas águas suspirosas como os beijos a furto dos lábios vermelhos da Odalisca pela frente escura do Califa adormecido à sombra dos romaes de Granada a Mourisca, e como o correr da pátena d'ouro nos festins Romanos pelos lábios das Bacantes coroadas das eras de saturnal—e as falas da mulher no devassar da orgia, pelos ouvidos indiferentes do ébrio de vinho e volúpias.

E a tarde era louçã como o amanhecer de fadas e um anoitecer de lua quando o corpo de Febe a nua desmaia no lençol azul dos mares.

E a tarde era louçã como esses beijos a furto nos carnavais Italianos no laque de uns lábios risonhos dentre as rendas bordadas da máscara de veludo—era louçã e bela com seu dossel carmesim e seus lírios roxos, com seu horizonte de fogos furta-cores—e suas nuvens de púrpura e crisólito—de neves e sangue—e seu mar cintilante como o manto de veludos estrelados da rainha do Adria, se alvoroçando ao desflorar das aragens da tarde, que aí se perdia no além azulado das montanhas.

Era numa dessas belas ruas de Veneza, onde por entre as casarias vermelhas espelha-se o ondular das águas, como a lamina de um montante de Damasco . . . Não lhe sei o nome. Entrevia-a apenas no deslumbre de um devaneio, sonhei-a, criei-a pelo meu sonho com suas visões de mulheres, seus suspiros de alaúde e de mandara, seus hálitos embalsamados.

Era numa rua de Veneza.—À porta de um palácio estava sentado um vulto embuçado num manto branco.

Era uma dessas feições soberbas do mar além do Me" diterrâneo desses Almogávares denegridos que nas horas do Combate ao reluzir da folha curva do Iatagã aos raios do meio-dia, aos brados guerreiros pelo Alá dos Bárbaros, se acardumam soberbos em torno dos Adaís do deserto.

Um daqueles bustos altivos que o mancebo poeta talvez entreviu no sonho de Otelo, o negro.

Era uma frente larga e abassanada avultando sob as pregas do Cafã branco, uns olhos vivos como os dos chacais nas noites sem estrelas, uivando ao redor das tendas da caravana,—o bigode basto e negro—e a barba longa ondando sobre o embuço do albornoz selvagem.

O que aí fazia o Árabe nem o sei talvez—o sonho não m'o preveniu.

Parecia-me apenas que uma nuvem negra lhe corria pela frente como uma sombra na face cor de aço de um lago em noites pardacentas—e seus olhos inquietos se perdiam nos longes do Canal.

Sonhava? E entrevia nos aléns as paragens do oásis, com seu manto de relvas e seus quiosques de sombrios palmares onde o Bulbul Z da Arábia gorjeia os amores das rosas? e entre os verdumes o branquear das tendas da tribo, o reluzir das lanças dos Spahis Cavaleiros, o relinchar das éguas reluzidas esquias dos Agas valentes

Sonhava? E entrevia no fresco de algum arvoredado, na margem sombria da cisterna do deserto, o roupão branco e o turbante caído, e o manto acetinado de cabelos pelos seios nus,—alguma Gulnare ou Rachyma,

Iantha ou Juana a Espanhola—flor de romã aberta mais viva no transplantar do harém, pérola colhida nas praias floridas da Espanha, Grécia ou Itália?

Sonhava? E entrevia nuns olhos úmidos de mulher lágrimas por eles, nos seios torneados e altivos onde um suspiro flutua e morre, algum anseio de volúpia, algum rever lânguido das ebriedades no aperto do seio do amante?

Mas não.—Não era talvez o colo envolto de pérolas da escrava, e os olhares longos da Espanhola, e o cravo dos lábios da Grega na sesta do palmar—Não era talvez o amor da filha das barracas nômadeas do Islamita, nem saudades bélicas da terra dos tamareiras

A noite caía—e o céu faiscava de aljôfares—e a lua se erguia atrás dos desenhos fantásticos, e das cúpulas brancas da catedral de S. Marcos—como a noiva ao través do seu véu de virgem—fitando seus longos olhares sobre a cidade dormida num leito de pedra.

## II

A lua se erguera, pálida como a Febe antiga, a ninfa desmaiada de Delos, depois das longas noites em que ao fresco dos arvoredos ela contemplava o sossegado dormir de Céfalo — e seus raios brancos escorriam pela frente dos palácios como a melena das algas gotejantes nos penhais

Um vulto apareceu numa das sacadas do palácio. Dava-lhe o luar em cheio no rosto pálido.—A fronte alta e descarada sombreavam-lha os longos cabelos negros e reluzentes.—Um manto de veludo o embucava— Havia aí nessa figura escura um não sei que de belo; havia aí nessa descor desfeita, no desalinho dos cabelos, umas sombras misteriosas, que travavam de vencida o olhar.— Disséreis Childe Harold... a unidade convergente de todos os sonhos do poeta—a sombra de Byron que lhe corria em todas as idéias—como a imagem pensativa e melancólica de Karl Moor em todas as criações de Schiller.

### Ao Luar

*Esperaba, desesperado.*

## III

Era—a do vulto da janela—uma dessas feições que os Sóis do meio-dia parecem ter avivado com o primor de seus lumes—e o fogo de seus verdes.—Ler-se-lhe-ia em cada traço, nos cabelos corridos e ondados, no bigode negro, nos olhos acesos e até nessa morena descor, que pelas válvulas das veias desse homem borbulhavam os fervores de Sarraceno, fundidos na branquidão, de fleugma das raças loiras do Norte—e nos vestígios dos bustos varonis dos soberbos Romanos.—Não havia engranar-se: era um Espanhol ou um Siciliano.

Ao certo contudo ninguém sabia quem era o Conde Tancredo.—Donde vinha, onde ia, como vivia—calava-o ele.—Sua vida era um mistério—para uns era um doidejar de mancebo leviano, rebuçado nas orgias' dormindo nos haréns venais do lupanar, embriagado nos seios torneados na fluidez de cores de um corpo que freme nos abraços seminus das cinturas acetinadas no fresco dos cabelos das Frinés belas.

Para outros essa vida louca e perdulária—o isolado de seu palácio fechado durante o dia, o frenesi dos banquetes, o tumultuar das ceias fascinantes pelo quedar das horas mortas—a figura desse palácio mudo, como um fantasma de pedra, durante o dia—e refletindo de noite nas águas esverdeadas seus vinte olhos de luz—parecia acobertar algum crime: era um tapete de felpos séricos e flores turcas sobre uma nódoa ainda úmida de sangue.

Era contudo de nobre raça, uma dessas feições onde logo se adivinha a nobreza de herança—frontes soberbas onde melhor que nos brasões heráldicos se lê o senho do orgulho dinástico. O Conde Tancredo era assim.

Era um homem de estranhas usanças.—Muitos o viram passar do riso mais alegre à spleenalgia mais sombrosa, do volver mais doce de olhos ao cintilar injetado de sangue de um olhar de cólera muda.

E quando dormia—muitas vezes a amante das noites se erguera de seu lado, fria e pávida,—ao ouvir os gemidos cavernosos de seu peito, e os gritos de raiva rangendo entre seus dentes cerrados—no volver da mão negra de um pesadelo.

Isso que uns chamavam sonambulismo acordava em outros idéias de que a palidez desse homem podia ser um crime, e seus pesadelos um remorso.

## IV

O mancebo desaparecia às vezes do balcão da sacada — e suas passadas ressoavam pelo salão

escuro—outras reaparecia na janela, estendendo olhares ávidos aos aléns do Canal.

O Árabe sentado no mármore da escadaria, parecia também esperar.

Disséreis contudo que a pessoa que ele esperava parecia não ser a mesma que inquietava tanto o Conde. A direção de seus olhares era oposta inteiramente.

Cada vez, contudo, que o rosto do mancebo embranquecido pela chuva de luzes lívidas da lua aparecia na sombra de seu manto negro, como no fundo escuro de um painel de Téniers ou Van-Dyck—a fronte escura do escravo se erguia—seu olhar brilhava mais ardente —e ele parecia dizer:

—Ele espera também!

## V

A noite ia límpida e bela—as virações corriam medo no deslizar das ondas. Fazia-se tarde—só se ouvia às vezes o estalar das águas no cair dos remos reluzentes de umidade, dalguma gôndola solitária, passando muda e negra nas águas.

A noite ia-se límpida e bela.—O ar respirava a bafagem dos laranjais em flor. Entre o ramalhar das folhas, ao sussurrar das ondas, exalava-se às vezes a cantilena monótona do barqueiro—ou o descante ao longe de alguma barca iluminada.

## VI

O céu se escurecia sob o crepe das nuvens que avultavam no horizonte, em ondas negras. A lua sumira seu fantasma ebúrneo sob as cortinas da escuridão.

Gotas mornas de chuva começavam a cair...

Davam nesse instante 10 horas em S. Marcos.

Os dois vultos—o da janela e o da escadaria permaneciam ansiosos.

Uma gôndola escura dobrou o canal—e aproximava-se lenta como uma ave negra aquática, com a cabeça sob a asa, resvalando em seu dormir pelo vidro das águas.

A gôndola vinha sempre—o mancebo permanecia imóvel na escada.

A gôndola parou no cais defronte do palácio

—Aí—áí—disse uma voz argentina de mulher. .

O conde ficou imóvel como bebendo a doçura daquela voz—o Árabe como despertado por ela foi até o cais...

Nesse momento uma forma peregrina de mulher saltava em terra com seus pés mimosos nuns mágicos e curtos sapatos de cetim, envolta numa manta de seda, cujas franjas lhe cobriam o rosto como uma máscara, mas não tanto que algumas doiradas mechas de cabelo lhe não sobressaíssem entre elas...

—É ela—disse o moço pálido, desaparecendo da janela.

—Não é ela—murmurou em sua língua bárbara o selvagem filho do deserto, voltando a embuçar-se no albornoz e a recostar a fronte escura no frio das pilastras de pedra.

—Ide—disse ela ao gondoleiro, atirando-lhe uma moeda de oiro. . .

A gôndola partia quando ela passava o peristilo do palácio.

—Adeus, Ali—disse ela, batendo-lhe com o leque. —Não falas, estátua?

A face queimada do estrangeiro não se moveu.

Sonhava? Esperava?

Talvez ambas as coisas.

**FIM**